

FEIRA

ZAGUT
Lifestyle

#FIQUEEMCASA
#STAYHOME

Adriana Montenegro . Alzira Judice .
Ana Cristina Teixeira . Ana Luiza Mello . Ana Morche . Ana Schieck .
Anderson Tibau . Andres Papa . Angela Mello . Anita Fizon . Augusto Herkenhoff .
Bahie Banchik . Benedito Neves Jr . Benjamim Rothstein . Cácia Chemin . Caio Siqueira .
Carla Volkart . Carmen Bello . Carmen Givoni . Cecilia Rondon . Celia Gimenez . Celso Adolfo .
Cesar Coelho Gomes . Cesar Paes Barreto . Chica Granchi . Claudia Tebyriçá . Claudia Watkins . Dirce Fett .
Dora Portugal . Dulce Lysyj . Ecila Huste . Edineusa Bezerril . Edwiges Barros . Eduardo Mariz . Elaine Fontes . Eliane Dumke .
Elis Pinto . Evandro Oliveira . Fernando Brum . Flavio Ardito . Francinete Alberton . Gabriella Massa . Galvão Jr . Giselle Vieira .
Gloria Conforto . Graça Pizá . Helena D'Ávila . Helena Lustosa . Helen Pomposelli . Heloisa Alvim . Igor Gomes . Inez Soares .
Isabela Bentes . Isabella Marinho . Isis Braga . Jabim Nunes . Jacqueline Belotti . Jarbas Paullous . João Saboia . Joel Gama . Jorge Cerqueira .
Júnia Azevedo . Lando Faria . Leila Bokel . Lena Tejo . Lenn Cavalcanti . Let Cotrin . Lia do Rio . Liana Gonzalez . Liane Briand .
Lígia Calheiros . Lola Lustosa . Lu Guedes . Lucia Lyra . Lucia Meneghini . Luiz Antonio Norões . Luiz Nogueira . Luzia Velloso .
Marcia Falcão . Marcio Atherino . Maria Cecilia Leão . Maria Lucia Maluf . Maria Matina . Maria Perdigão . Maria Stefanon .
Maria Steinbruck . Maria Veronica Martins . Marta Bonimond . Mauricio Tassi Teixeira . Mauricio Theo . Meiga Rodrigues . Miro PS .
Moema Branquinho . Nilton Pinho . Noemi Ribeiro . Norma Mieke Okamura . Paloma Carvalho . Pilar Domingo . Regina Hornung .
Regina Moura . Ricky Livi . Roberto Tavares . Robinson Oliveira . Rosa Barreiros . Rosangela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rosi Baetas .
Rubens Silva . Salazar Figueiredo . Sandra Passos . Simone Trombini . Sissi Kleuser . Sonia Xavier . Tania Andrade .
Tavinho Paes . Teresa Asmar . Teresinha Mazzei . Uiana Bartira . Vania Pena C . Vera Lins . VeraLu . Vlad da Hora .
Vicente Duque Estrada . Walkyria Proença . Wil Catarina . Zeka Araujo .

ZAGUT

Abertura

05 novembro às 19:30h
2020

Exposição

virtual permanente
www.espacozagut.com

Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica 4240 - loja 315
Copacabana - Rio de Janeiro
Brasil

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

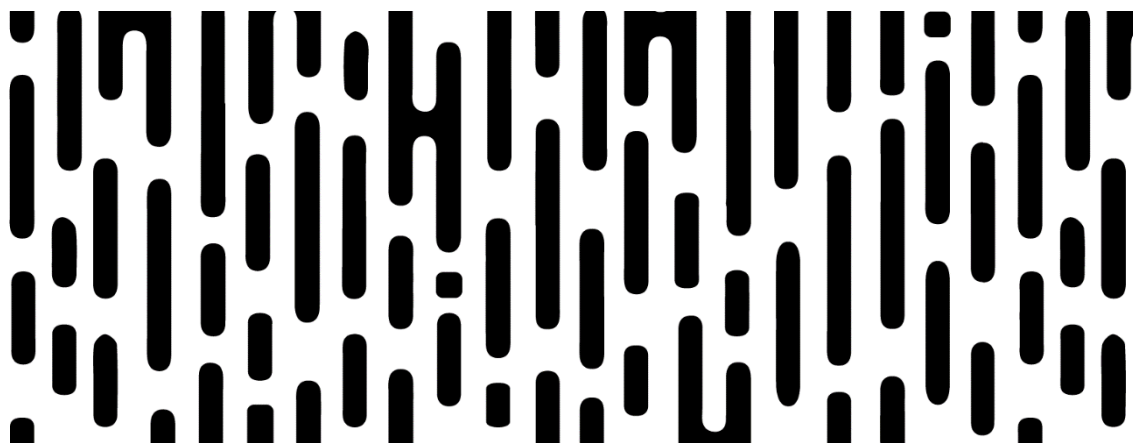
Ensaios críticos: Carlos Vinicius Taveira, Eduardo Mariz

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



FEIRAS DE ARTE

O advento de feiras de arte é um fenômeno que começou nos anos 50 do século passado (ArtBasel nos anos 70, FIAC em 74, La Biennale em Paris desde 1956), mas tem tido um aumento progressivo e impressionante nas últimas décadas, estimadas em mais de 300 feiras em 2018. E com número também estonteante de visitantes, a Arco Madrid em 2015 chegou a 92.000, por exemplo. O modelo tem vantagens como o acesso a inúmeras obras de diversos artistas, de forma rápida em um único espaço, assim como o encontro com atores diversos como curadores, galeristas, artistas e diretores de instituição, com colecionadores desde os com robustas coleções aos que estão começando uma, inclusive provenientes de cidades diferentes em função do evento.

A partir desse incremento do número de feiras internacionais em todas as partes do mundo, diversos fatores vêm mudando na indústria da arte: a queda do volume de vendas diretamente na galeria, a dificuldade de entrada no mercado de galerias menores que apresentem menor poder financeiro para comparecer às mesmas, assim como da introdução de artistas emergentes que em geral começam sua vida artística por essas galerias menores.

A Zagut, que acaba de participar da feira Latitude Art Fair, totalmente virtual em decorrência da pandemia sanitária atual; em novembro figurará na Feira da Artsoul, também virtual, dedicada a gravuras. Em dezembro será a vez de estar na Pinta, também de forma online, a única entre as do importante calendário de Miami especializada em arte latino-americana. Ou seja, definitivamente adentra o mundo das feiras de arte, este ano de forma totalmente virtual, já que consideramos ainda haver bastante risco para situações presenciais. E dialoga com o tema, de forma a que artistas mostrem seus trabalhos numa exposição que é uma Feira, com valores convidativos, de forma a chamar novos colecionadores que iniciem suas coleções, e a colecionadores com grandes coleções que as aumentem.

O criterioso relatório 2020 TEFAF mostra o resultado de suas amplas pesquisas, que refletem sobre o quão humano o amor à arte é. Entre os

patronos de arte, 94% se motivam pela paixão à mesma, 91% pelo impacto no mundo ao redor, lembrando a relação entre arte e bem estar. Esse relatório frisa a importância da colaboração entre a arte e outros campos, como educação, saúde, ciência. A Zagut vem, desde sua criação, trabalhando nesse sentido.

O relatório coloca uma reflexão, tão importante para o contexto brasileiro: “há um aceite geral que o dinheiro gasto com a indústria da arte e cultura é vital para dar suporte à vida cultural e bem estar da nação. Tem impacto na educação, bem estar e saúde mental dos indivíduos. Afeta como o resto do mundo nos vê, a pessoas de outros países a que se engajem conosco. Arte e cultura são a cola invisível que segura a sociedade, conecta pessoas, promove compreensão e tolerância, e ao mesmo tempo age como uma voz crítica em nosso mundo que rapidamente muda e cada vez é mais polarizado”.

A Zagut agradece aos artistas pela confiança e cooperação nesse coletivo, em uma incrível forma de união, que vem possibilitando a realização de mais esse projeto dessa exposição, este catálogo, a galeria virtual, os vídeos, de forma a fazer-nos refletir nesse momento tão difícil que a humanidade atravessa e proporcionar-nos esse bem estar que a arte pode transmitir.

<https://www.forbes.com/sites/yjeanmundelsalle/2016/04/07/the-art-fair-boom-is-forever-changing-the-way-the-art-market-does-business/#3b1b3c906c64>

<https://amr.tefaf.com/chapter/report-highlights>

<https://amr.tefaf.com/chapter/measuring-impact-of-art-culture>

<https://www.thecollector.com/the-worlds-most-prestigious-art-fairs/>

“Bolo de milho broa e cocada
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pé de moleque, alecrim, canela
Moleque sai daqui me deixa trabalhar
E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
E foi pássaro voando em todo lugar”

Sivuca e Glorinha Gadelha

No disco de Clara Nunes – Feira de Mangaio

Todo dia, é dia de feira.

As feiras no universo das artes são uma presença constante, não só do ponto de vista temático na composição imagética no interior de obras, mas também, como ambiente de troca e comercialização de objetos artísticos. Uma feira tradicional consta de um local, com seus espaços expositórios, e uma quantidade de corpos em forma de artefatos, e também de indivíduos, sendo que ambos em momentos de troca constante. Dito isto, podemos partir da premissa que uma feira não somente é um momento de compra e venda de algo, e sim, trata-se de um acontecimento que pode permitir permuta entre sensibilidades.

Em tempos de pandemia o ato de caminhar e estar presente em uma feira física e de se relacionar com seus objetos pode encontrar restrições de ordem sanitária. Corpos que antes entravam em contato, tem suas aproximações milimetricamente calculadas e limitadas. Porém, podemos aproveitar a circunstância e abrir possibilidades de explorações em outros espaços como nas dimensões do espaço virtual, ou mesmo em páginas de catálogo como esse, que pode ser manuseado tanto física, quanto digitalmente.

Dito isto, faço o convite para explorar as páginas desse catálogo artístico como uma espécie de palco expositório. Cada folha pode ser relacionada como um recinto expositivo, e cada obra, algo que pode ser experimentado pelo espectador da feira utilizando sua imaginação para que atinja a melhor forma possível. Infelizmente, não podemos ter saciados alguns dos sentidos que somente nossa presença corporal em uma feira poderia oferecer, mas podemos explorar, e até inventar novas maneiras de experimentação do formato de livro.

Isso significa dizer que semelhante a uma feira física, é possível que o leitor escrutine as próximas páginas de maneira livre, criando seu próprio trajeto e ensejando seu singular jeito de cumpri-lo. Dito isto, cabe recepcioná-lo com um convite que saboreie as páginas conforme seus desejos. Pretendo nas próximas linhas fazer uma breve introdução sobre feiras, e posteriormente pensar no que seja, as feiras de arte modernas e atuais, mas desde já, pretendo agradecer o convite novamente para a escrita desse texto para Galeria Zagut aos nomes de Isabela Simões e Augusto Herkenhoff.

Origens da feira.

Provavelmente, a maior presença cotidiana da palavra “feira” esteja na nomenclatura dos dias da semana que são acompanhados dessa palavra. Os dias considerados úteis que se estendem de segunda a sexta, ganham a companhia do termo, enquanto dias dos fins de semana permanecem com nomes singulares. Etimologicamente “feira” vem da palavra latina “feria” que significa feriado ou dia santo. A origem está diretamente ligada ao fato de guardar determinados dias para reclusão em descanso e adoração religiosa. Na idade média o termo foi adotado em Portugal devido à influência religiosa católica, enquanto em outros idiomas como o francês e o inglês, os dias da semana são marcados até os dias atuais por homenagens a deuses com origens distintas ao cristianismo.

Uma feira é comumente associada a um espaço de venda ou troca de produtos e serviços. Alguns historiadores creditam sua origem ao período da antiguidade com relatos de existência de feiras em inúmeros séculos anteriores a Cristo. Porém, no ocidente o fenômeno só é comumente observado no período de declínio da Europa medieval por volta do século XII. A sociedade que aumentava gradativamente a produção de objetos e que se abria das fortes amarras medievais, começava a aproveitar seus excedentes produtivos os colocando para venda em espaços de feiras, realizadas perto de igrejas e geralmente em dias de rituais religiosos como missas, que apresentavam um fluxo maior de pessoas e potenciais compradores.

O artista que melhor captou visualmente esses acontecimentos é provavelmente o flamengo Pieter Bruegel que transpôs para o espaço pictórico

algumas feiras ocorridas na região da Antuérpia ao norte da Europa, já no período de transição para o renascimento no século XVI. Na obra *Provérbios Neerlandeses* (que possui outras formas de nomações como O Manto Azul ou A Loucura do Mundo) de 1559 a narrativa visual ilustra diversos provérbios populares em um cenário público que lembra uma feira tradicional.

Os personagens encenam cerca de quarenta e três provérbios populares no grande palco de uma feira. É possível encontrar oficinas, barracas e até vendedores que expõem mercadorias diretamente no chão. Entretanto, o que parece estar à venda em todos os lugares são justamente as encenações proverbiais espalhadas por todos os limites da tela. O pintor ocupou o espaço com um número tão expressivo de participantes que em cada instante do olhar sobre a obra, pode ser encontrada alguma nova narrativa. A escolha proposital dessa composição retira da feira uma de suas principais características, no caso, a aglomeração de pessoas e a ressignifica como um microcosmo do mundo permeado de sentidos retirados de provérbios.

Essa apropriação da feira, ou de elementos característicos dela, também está presente em outros trabalhos do artista. Em "*O combate entre o carnaval e a quaresma*" observamos alguns prédios ao fundo em segundo plano, e entre eles, uma igreja e uma hospedaria, e todo o desenvolvimento da cena em primeiro plano ocorrendo com inúmeros personagens ocupando o espaço central com festividades que alegoricamente representam o embate entre o carnaval e a quaresma. O tom satírico é uma qualificação constante, provavelmente uma influência de Hieronymos Bosch em seu trabalho, e os elementos individuais se antagonizam entre os que comemoram o carnaval e os que defendem os preceitos da quaresma.

Todo o decorrer da cena é uma narrativa típica de uma feira com suas festividades e música, que ganha uma conotação exagerada e tendenciosa ao humor e até mesmo crítica, nas pinceladas de Pieter. Há no lado esquerdo a existência de cores vivas e de maior festividade, enquanto do lado direito, é onde se concentra a maioria das alegorias sobre a quaresma e que tem um uso de tintas mais escuras e cinzas. Toda essa tensão é costurada pelas cores que preenchem o solo do espaço que parece unir os campos de tensão opostos. Os

festejos que tradicionalmente ocorrem em feiras, são captados em parte para o apontamento de questões religiosas e sua dialética visual.

Se avançarmos nos séculos e focarmos na arte Naif, ou em outras palavras na “arte inocente” se fizermos uma tradução literal do termo, no século XIX com o aparecimento desse denominação artística, toda uma produção de arte que antes era considerada secundária passa a ser incorporada em igualdade com a chamada arte acadêmica. Para aprofundarmos esse tema, basta dizer que a arte Naif foi um dos pilares que diminuiu a distância do problemático dualismo estabelecido entre arte e artesanato no renascimento.

Com a arte naif toda uma produção de arte dita popular, e neste caso, que versa sobre temas comuns do dia a dia ganhou notoriedade. Com isto, temáticas como feiras e festividades assumiram um maior protagonismo na produção imagética, frente a assuntos que quase eram padronizados como únicos no universo das artes. Em um país que desde sua fundação tem como marca as feiras, e suas festividades, a arte naif colocava na tela toda um universidade cultural que foi marginalizada por longos períodos.

Podemos ficar apenas em alguns nomes, como por exemplo, Heitor dos Prazeres e José Antônio Silva. O primeiro, um artista que atuou na música e em outros ramos, foi autodidata e possui inúmeras pinturas sobre as musicalidades e festividades, e também sobre dinâmicas culturais como as tradicionais feiras de alimentos. Seu trabalho intitulado “Feira livre” é repleto de cores fortes e de uma vivacidade vibrante. As figuras parecem se movimentar e podemos imaginar todos os odores e outros sinais que a tela transmite.

Outro grande nome da arte brasileira que incorporou as feiras como temática artística foi Tarsila do Amaral que em 1925 e 1926, pintou respectivamente “A feira” e “A feira II”. Ambas as obras possuem uma semelhança estrutural no posicionamento dos objetos no espaço. As frutas estão expostas como se fossem uma barraca virada diretamente para o espectador, como se esse fosse um visitante de uma feira prestes a comprar algum produto. Em um segundo plano ao fundo, encontramos algumas residências que confirmam o posicionamento do local da feira ser uma rua, e coqueiros e

palmeiras que complementam o ambiente espacial da obra, valorizando traços da natureza.

Deve ser mencionado que as cores são fortes e vivas. Todos os alimentos expostos possuem uma coloração marcante e variações de tons em degrade. A escolha visual por tons quentes passa uma impressão sinestésica do ambiente que envolve o ar livre e as características do clima tropical do Brasil. A produção dessas obras coincidiu com os desdobramentos iniciados com a semana de arte moderna de 1922 e o desejo de investigar e antropofagizar o Brasil. É o momento que se parte para redescobrir o país, e se produzir novas imagens do que é o nacional.

A música foi um desses elementos que foram recuperados no projeto iniciado em 1922. Na abertura desse presente texto existe uma epigrafe com um trecho da música “Feira de Mangaio” de autoria de Sivuca e de sua esposa Glorinha Gadelha, escrita décadas adiante e gravada pelo mesmo, mas que atualmente é popularmente conhecida pela performance de Clara Nunes que a incluiu em seu disco de nome “Esperança” de 1979. A música é um forró/baião que narra sobre um típico traço cultural do nordeste brasileiro que são as chamadas feiras de mangaio. Tradicionalmente são feiras com uma pluralidade de mercadorias e até mesmo de serviços para serem comercializados e que ainda hoje estão presente em boa parte do território nacional, mas que mantêm sua presença majoritária no norte e nordeste.

No Rio de Janeiro existe na região norte da cidade a chamada feira de São Cristóvão que nasceu nos anos cinquenta em um local de desembarque de nordestinos que vinham do Nordeste nos chamados “paus de arara”, ou seja, em um transporte realizado por caminhões e ônibus com quase nenhuma estrutura de segurança. O local se tornaria referência para os imigrantes dos diversos estados no Nordeste. Ali foi construída uma feira de produtos comerciais e culturais que hoje é um dos principais pontos turísticos do Rio de Janeiro.

Feiras de arte.

É possível estabelecer pontos de contato e de distanciamento entre as feiras tradicionais que vendiam múltiplos produtos, para as chamadas grandes feiras de arte. Costumeiramente, as feiras já vendiam produtos ligados ao

universo das artes, mas, com o desdobrar do tempo, foram criadas feiras específicas envolvendo agentes comerciais que buscavam aproximar o artista, do consumidor de arte.

Podemos estabelecer que existem escalas de tamanho entre as feiras de arte, auferindo que algumas possuem impacto mais restrito do ponto de vista cultural e econômico, enquanto outras são capazes de ditar referências ao mundo. Um fato curioso é que inúmeras das grandes feiras internacionais de arte se encontram fora do circuito de maior produção e consumo artístico. Isso se explica pelo nascimento de algumas feiras terem ocorrido da reunião de artistas locais que se juntavam em exposições coletivas como maneira de diminuir custos e buscarem atingir um público maior.

Com o tempo essas feiras foram crescendo, incorporando outras, chegando ao ponto de criar uma rede de comunicação e de diversidade entre si. Uma feira de arte é capaz de reunir diversos agentes do circuito das artes, como profissionais de imprensa, museus, centros culturais, galerias, ou simplesmente colecionadores e o público apreciador de arte em geral, além claro, do artista em si. Contudo, desde 2011 quando foi realizada a primeira feira virtual intitulada VIP Art Fair, houve uma herança deixada em que as portas e o diálogo com o ambiente via internet seriam praticamente inseparáveis a partir daquele momento.

Hoje em dia é possível encontrar plataformas digitais que realizam a articulação direta entre comprador e vendedor do mercado de arte como a ARTSY, e ARTNET, e que tem ressonância direta no mercado de feiras de arte. Se antes era necessário viajar para estabelecer negociações sobre compra e venda, a internet encurtou essa distância e até permitiu economia nos custos de organizações de grandes eventos.

Entretanto cabe demarcar que o ambiente de feiras virtuais de arte nunca irá superar a presença em um evento físico e as interações possíveis no espaço da feira, que não se tratam somente de compra e venda, ou mesmo da criação de redes de network, mas sim, de troca e diálogo com as próprias obras de arte, e com toda a estrutura secundária que as feiras proporcionam.

Conclusão:

As feiras estão no mundo há milhares de anos e envolvem, sobretudo, uma presença do corpo que no atual momento é incapacitada em sua plenitude por limites impostos pela pandemia. No ano de 2020, momento de escrita desse texto, e de concretização da exposição temática “feira” alguns eventos de arte estão ocorrendo com restrições, outros sendo adiados um pouco ou de forma indefinida, e outros se reinventando da melhor forma para enfrentar o problema sanitário por outros caminhos.

Acredito que esse catálogo e os trabalhos artísticos que se encontram nas páginas seguintes se insiram na tentativa de reinvenção da feira, e da própria arte, perante os limites que a realidade nos apresenta. São trabalhos que exploram não só o tema “feira”, mas que também, acabam, por tocar no decorrer de seus respectivos processos criativos nos desafios que enfrentamos atualmente. Por isso, leitor que chegou até essas palavras, reforço o convite realizado anteriormente de que pense este catálogo também como uma possibilidade de se estar em uma feira. Assim como os artistas utilizaram sua imaginação no momento de criar as obras, crie a sua realidade ao lê-lo.

Outubro de 2020.

Carlos Vinícius da Silva Taveira.

Graduado em História pela PUC-Rio, Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio, e Doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, pela PUC-Rio. Professor de história da arte e pesquisador focado em artes e regimes de visibilidade.

Bibliografia.

MOERAN, Brian, Pederson, Jesper Strandgaard (eds) (2001), *Negotiating Values in the Creative Industries - Fairs, Festivals and Competitive Events*, Cambridge: Cambridge University Press;

MORGNER, Christian (2014), “*The evolution of the art fair*”, *Historical Social Research*, 39-3, pp. 318-336;

NEMER, Sylvia Regina Bastos; REZNIK, Luís. Feira de São Cristóvão: contando histórias, tecendo memórias. 2012. 255 f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2012.

FEIRA

Uma ruptura na lógica cotidiana das ordens de mercado direciona para convergências de interesses e esforços diversos (talvez dispersos) num empenho comum. Além das intenções prementes voltadas a intensificar comercializações, as manifestações promovidas nos eventos chamados *feiras* possuem também certo aspecto de pausas reflexivas. Sobre determinado assunto, esses acontecimentos procuram promover tudo que aconteceu até ali e, ao mesmo tempo, apontam os caminhos que estão por serem seguidos ou campos a serem conquistados.

Não por acaso, mesmo que com todas as peculiaridades do mercado e do sistema de arte, as feiras desse setor ganham contornos de grandes exposições artísticas. Certamente revestem-se de aspectos passíveis de crítica nesse sentido, mas sem dúvida abrem frentes a fomentar o costume de um público sempre maior em conviver com propostas artísticas e suas maneiras e assimilações.

Entendo a sugestão da Galeria Zagut como uma abordagem análoga à essa observação. Vejo que as grandes exposições coletivas, já habitualmente promovidas pelo espaço, visam propor eixos na extensa gama de propostas vinculadas à produção artística atual, a partir de pequenos exemplos. Unem grandes coletividades, oferecendo painéis como uma medida sobre o pensamento artístico de certo segmento entre os artistas. Acredito que a ideia seja a de que esse recorte se amplie, a abarcar cada vez mais discursos, como age a amalgama que reflete a atuação contemporânea em arte.

Esse formato, já assimilável como um alargado conceito de *feira*, foi adequado a outras possibilidades, atendendo às demandas impostas pelo isolamento social da Covid-19. Rumou para a virtualidade. Através de montagens em grandes vídeos a partir de curtos fragmentos fornecidos pelos próprios artistas, apresentando seus trabalhos ou propondo essas gravações como trabalhos de videoarte, as propostas são veiculadas pelas redes e são montados catálogos virtuais. Esse material forma documentos em processo, como etapas de um grande projeto.

Enfatizando esse *arquetipo expositivo*, Augusto Herkenhoff e Isabela Simões propõem o que seria uma consequência correlata desse modo, de agrupar para mostrar. O quanto ganha-se em força ao se mostrar um grande painel de produções e nomeá-lo FEIRA?

Mais que um evidente direcionamento ao mercado, a coletiva ganha seus contornos também de feira como o uso do termo num sentido popular; feira como bagunça, feira como um burburinho, mas também certamente como um grito que se consubstancia como um híbrido uníssono, no sentido de promover aquilo que acontece.

Eduardo Mariz

Adriana Montenegro



Sem título; óleo sobre tela; 40 x 30 cm; 2019/2020

Alzira Judice



Cantinho de Leitura; AST; 40 x 60 cm; 2020

Ana Cristina Teixeira



Ataque pictórico I; acrílica s/ papel Hahnemühle; 30 x 40 cm; 2020

Ana Luiza Mello



A Feira; acrílica s/ tela; 60 x 80 cm; 2020

Ana Morche



Série Portais XI, Oceano; técnica mista s/papel Hahnemuhle 425gr
(aquarela, acrílica, nanquim e lápis aquarelável); 30 x 40 cm; 2020

Ana Schieck



Solitude; grafite e aquarela s/ papel; 38 x 41,5 cm (sem moldura); 1995

Anderson Tibau



Corpo; técnica mista: acrílica, gouache e conté s/ papel cartão; 42 x 59 cm;
2020

Andres Papa



Causa e efeito; fio de aço e biscuit; dimensões variáveis; 2016.

Angela Mello



Fragmentação; painel em MDF executado com peças de cerâmica, feitas à mão, esmaltadas; 50 x 50 cm

Anita Fizon



Vento; objeto: madeira, galhos de arbustos do chão; 20 x 20 x 7cm; 2020

Augusto Herkenhoff



Escravo latino-americano; pintura em cerâmica; 25 cm diâmetro; 2019

Bahie Banchik



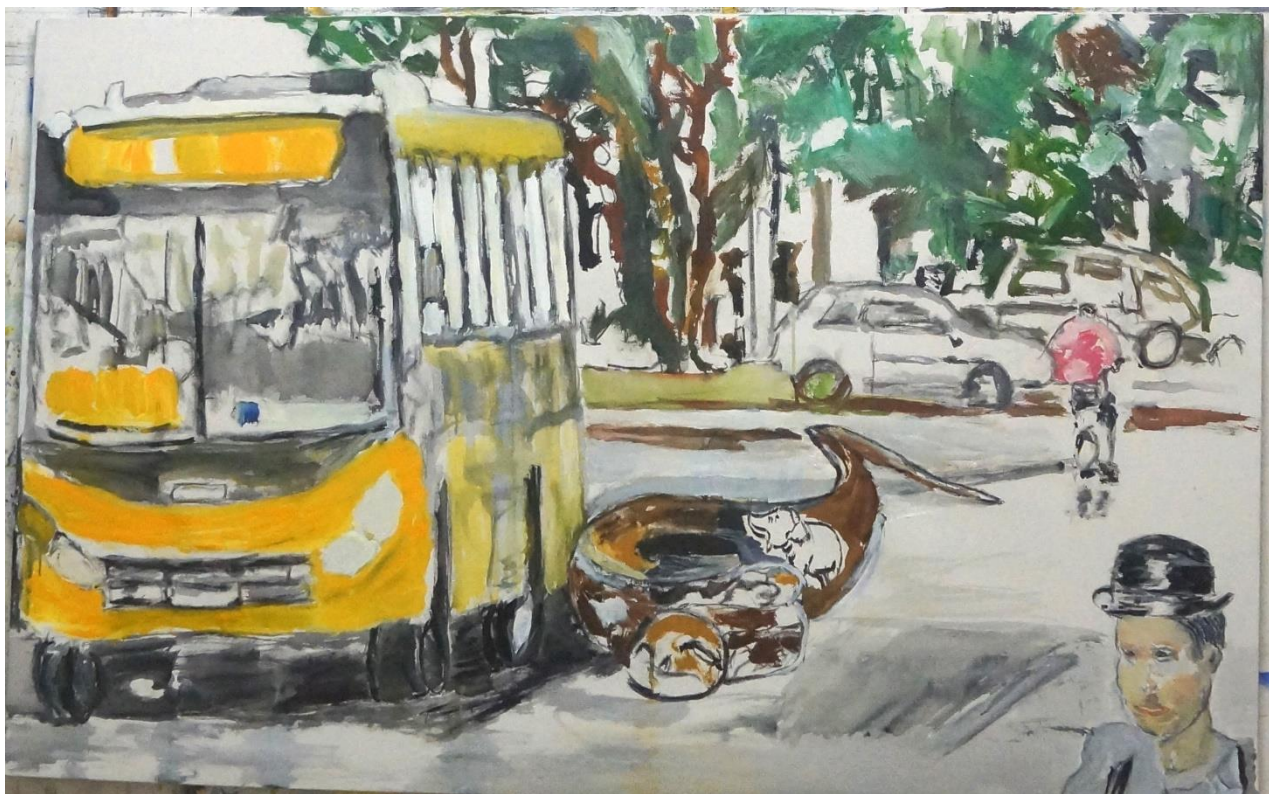
Exposição; técnica mista, óxido de ferro, pigmentos orgânicos e colagem s/
papel Canson; 30 x 42 cm; 2020

Benedito Neves Junior



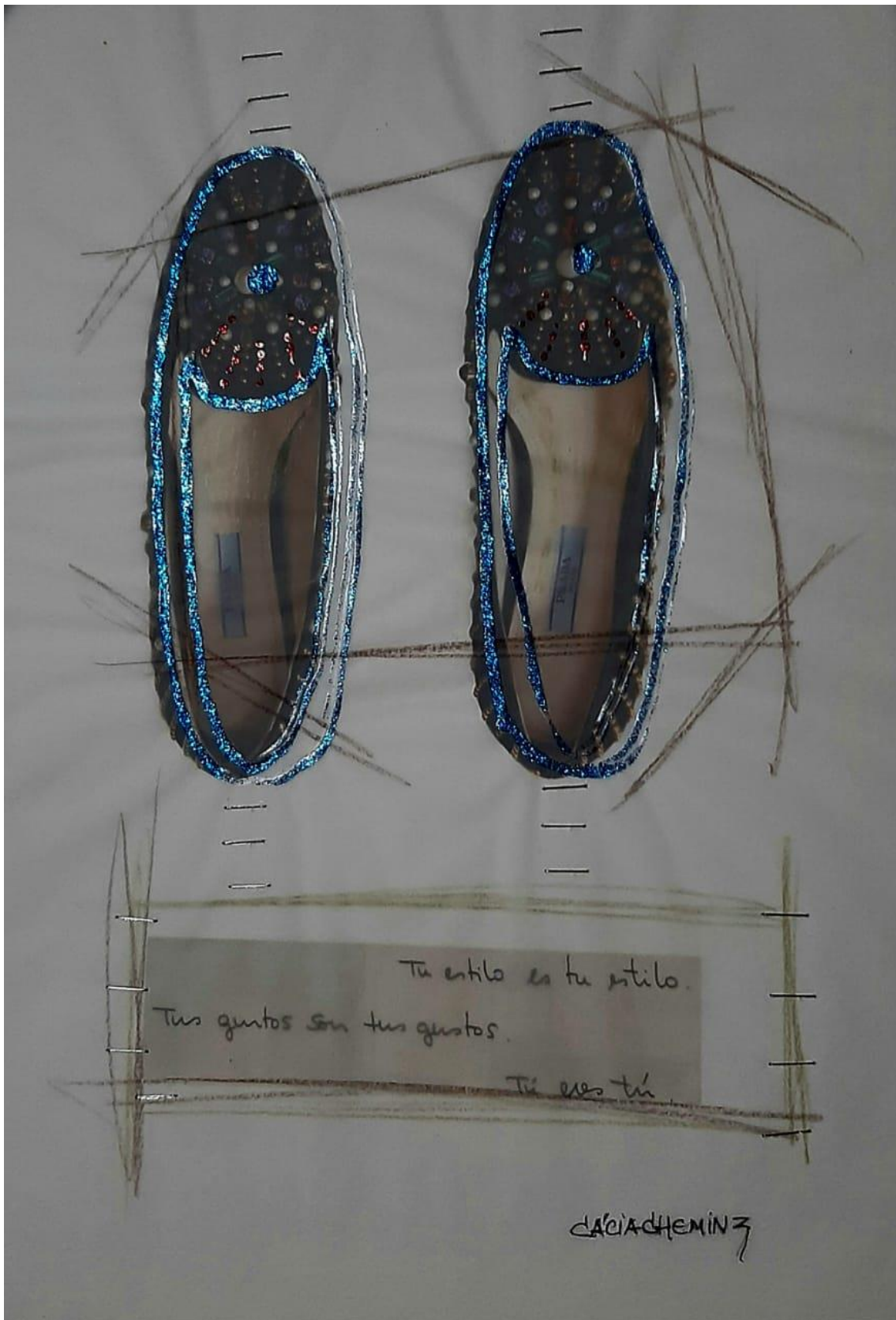
Africana; óleo s/ madeira; 42 x 30 cm; 2020

Benjamin Rothstein



Companheiros de viagem; técnica mista; 87,5 x 141 cm; 2020

Cacia Chemin



Teu Estilo; gravura digital com interferência; 42 x 29,7 cm; 10 cópias

Caio Siqueira



Sunset in Copper, serie Copper 49; captura em fotografia digital com múltiplas exposições e pós processamento em software, impressão fine art em papel 100% algodão photo rag metallic Hahnemuhle 340 g., branco natural – metálico cintilante; 42 x 28 cm; 2019; tiragem 5.

Carla Volkart



Feira farej; fotografia e arte digital; arquivo digital 45,8MB; 300 x 225 cm; 2020

Carmen Bello



Nuvens de mim; acrílica s/ tela; 50 x 60 cm; 2014

Carmen Givoni



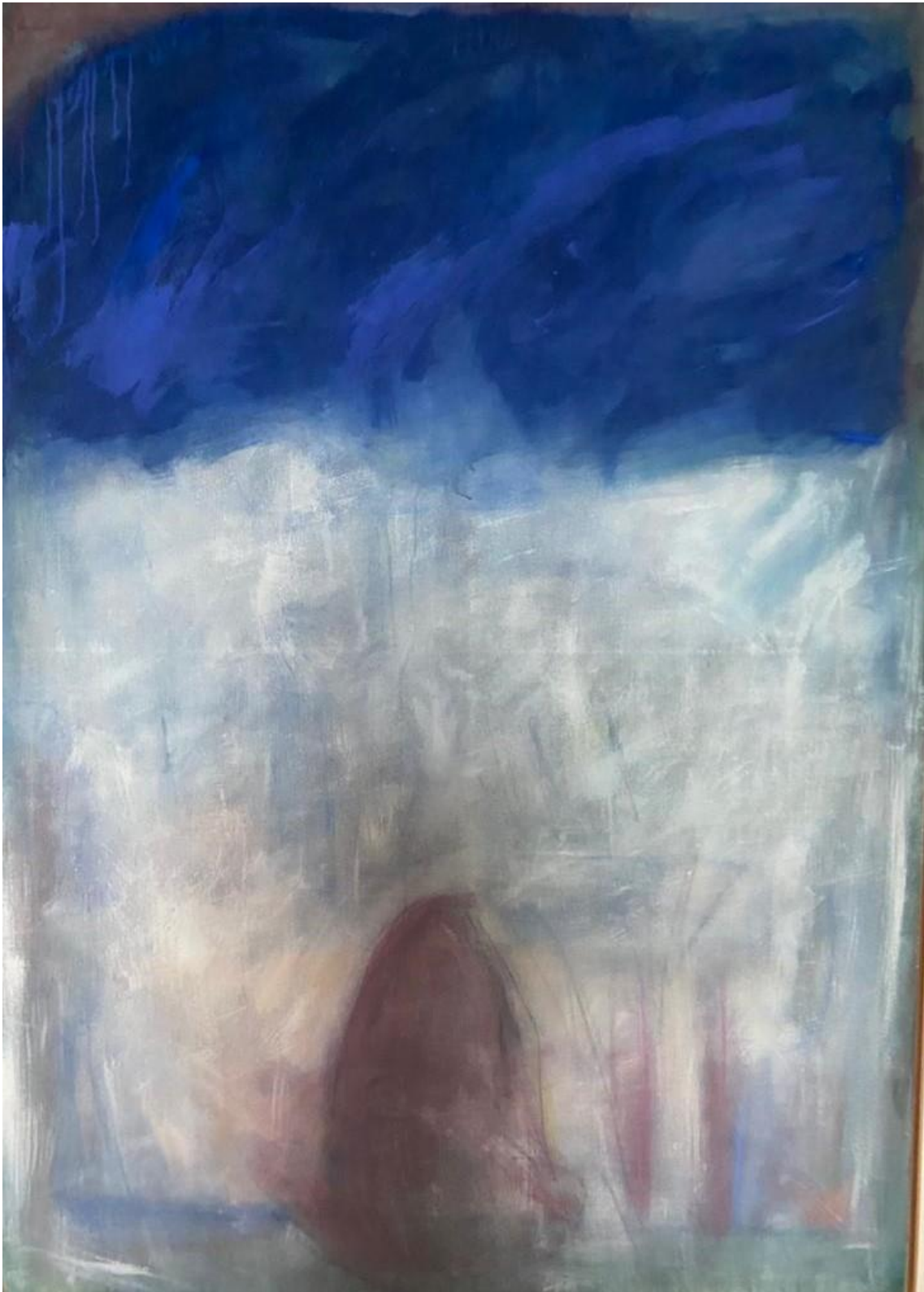
Encanto; acrílica s/ tela; 60 x 60 cm; 2019

Cecília Rondon



Amontoado de memórias; pintura e bordado sobre inox e aço; 54 x 27 cm

Celia Gimenez



Sem título; técnica mista; 170 x 110 cm; 1993

Celso Adolfo



Flores amarelas, Massenicas; 2020; mosaico, esmaltes de vidro; 50 x 40 cm

Cesar Coelho Gomes



O corpo, a escrita, o mundo; acrílica e óleo s/ tela; 40 x 40 cm; 2020

Cesar Paes Barreto



Mandinga do Veropa; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g com tintas de pigmento mineral; edição única; 55 x 78,5 cm e com 10 reprints impressão em papel Canson matte 180g com tintas de pigmento mineral, 33 x 48 cm; 2020

Chica Granchi



Onçapeia querendo penetrar na Feira; técnica mista; 30 x 40 cm

Claudia Tebyriçá



A paisagem na janela 1 série A; monotipia; 32 x 24 cm; 2020

Claudia Watkins



Pintura de robe; pigmentos s/ robe em caixa de madeira; 20 x 30 cm

Dirce Fett



Dois Irmãos num campo de flores; acrílica e colagem de chita; 75 x 121 cm;
2013 - 2020

Dora Portugal



Eu tenho pra vender; foto impressa em fine art.; tiragem 01/ 05; resolução:
4608 x 3456; 40,8 x 22,8 cm; 2017

Dulce Lysyj



Vôo livre; monotipia; 29,7 x 42 cm; 2020

Ecila Huste



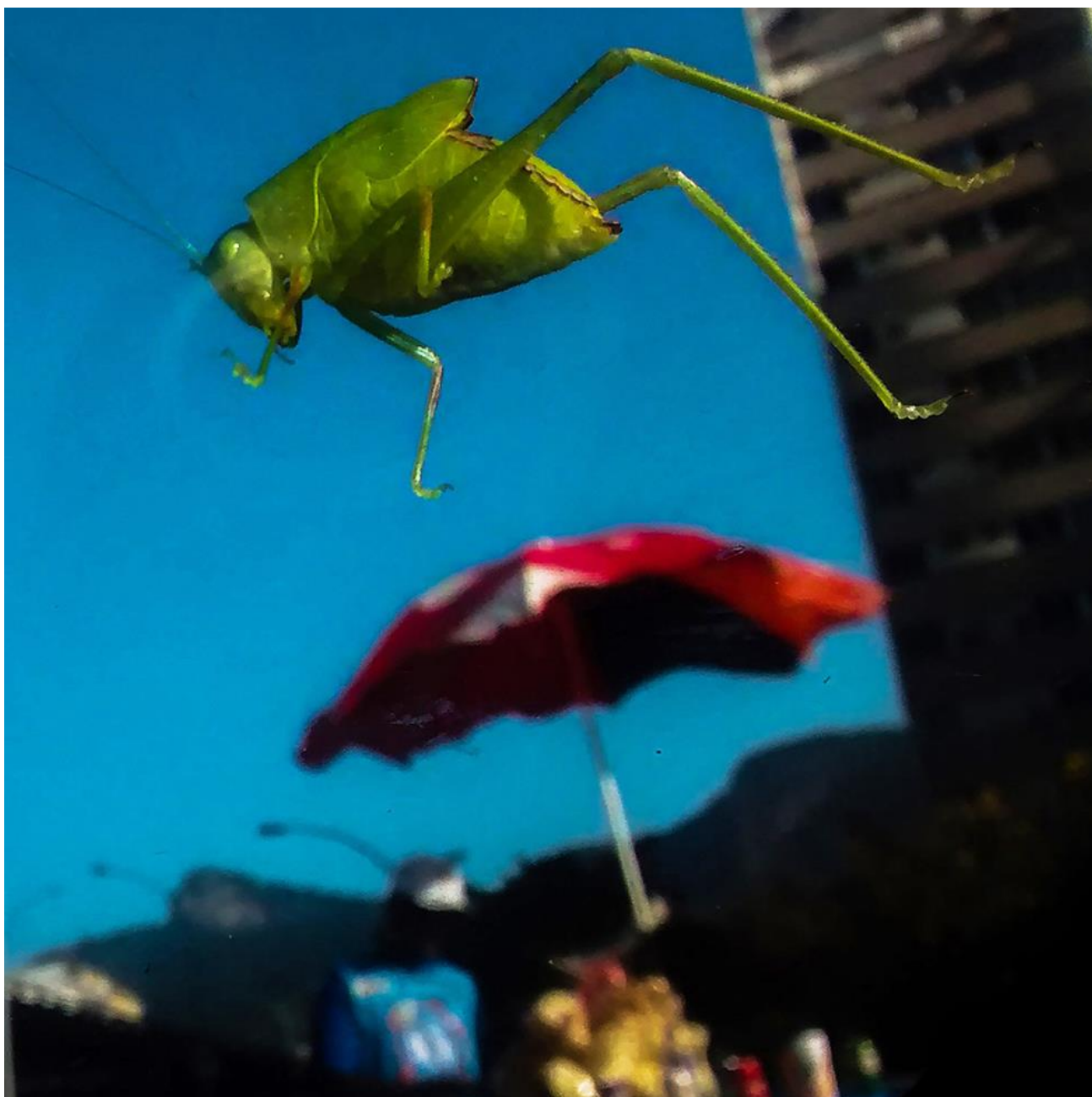
Sem título; acrílica sobre tela; 55 x 45 cm; 2020

Edineusa Bezerril



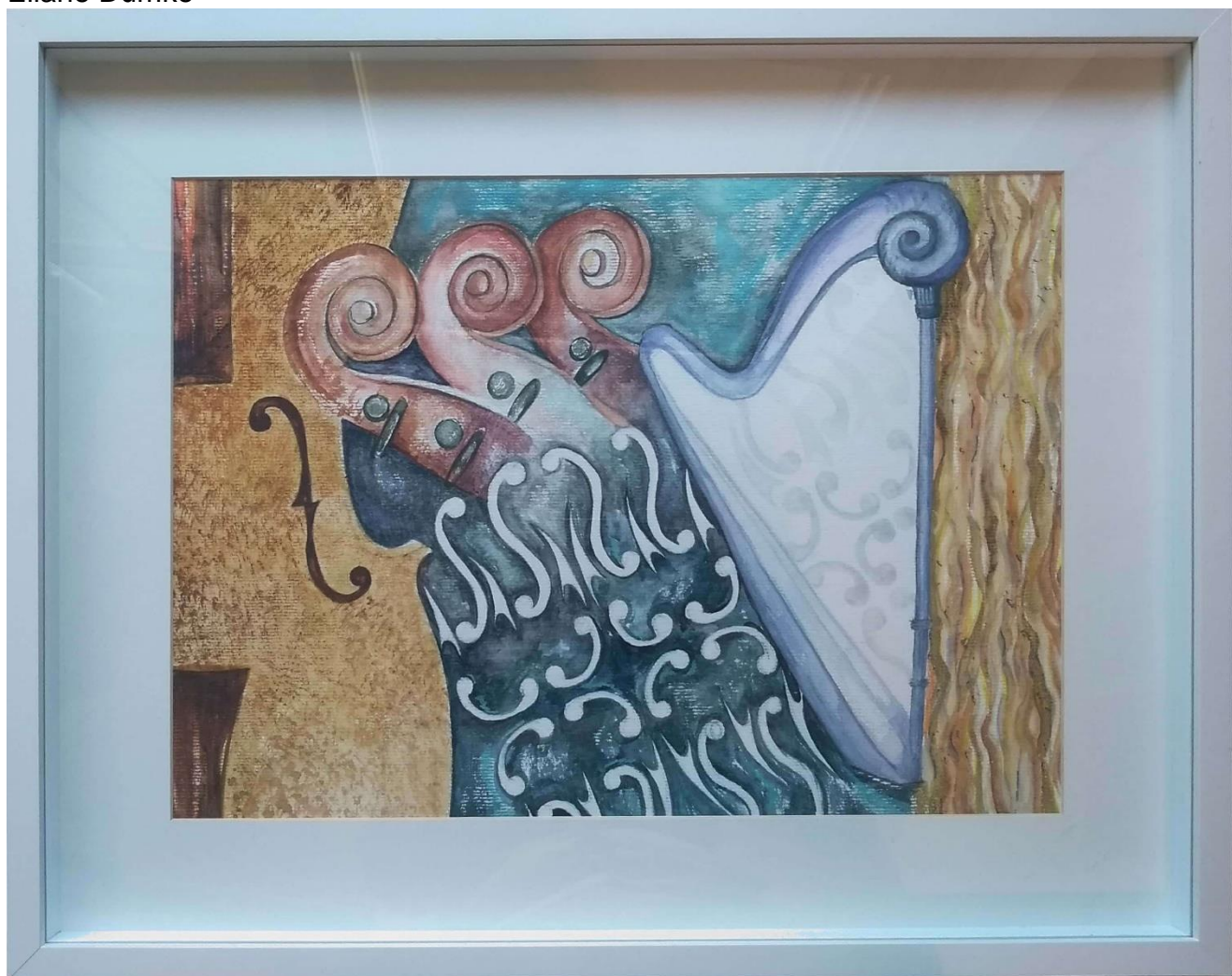
Urbanóides; gravura, colagem e pintura sobre papel; 35 x 50 cm; 2020

Eduardo Mariz



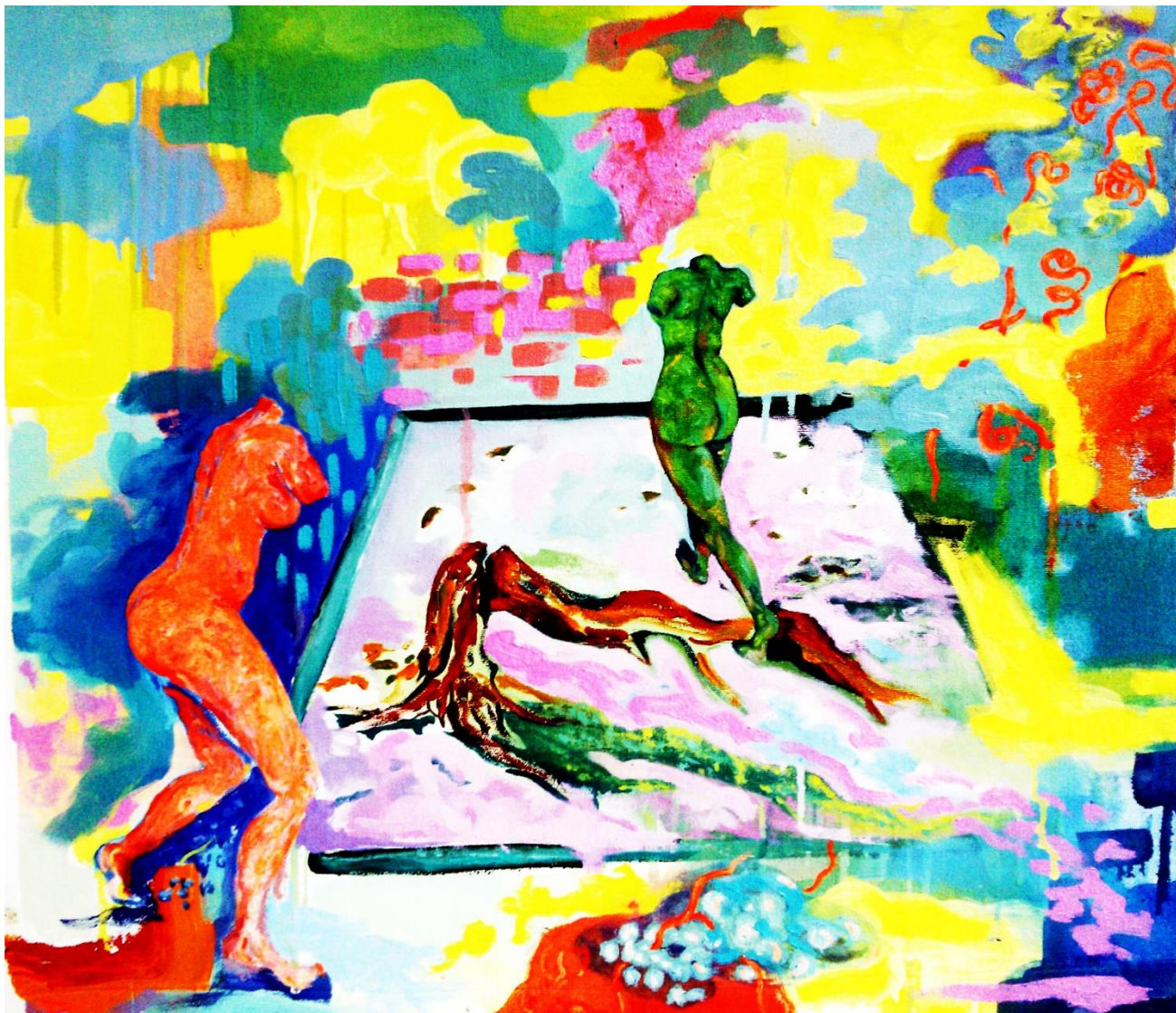
Sem título; fotografia (impressão em papel fotográfico emoldurada); 20 x 20 cm;
tiragem: 50 + PA; 2017

Eliane Dumke



Cornijas; aquarela; 42 x 54 cm; 2016

Elis Pinto



Série Trópicos; A Vênus do Fim do Mundo Como uma dança; acrílica e óleo s/
tela; 61 x 63 cm; 2015

Evandro Oliveira



O ninho; acrílica s/ tela; 110 x 150 cm; 2018

Edwiges Barros



Eternidade; gravura em metal - água tinta; 19,5 x 19,5cm; 2001
O hábito de guardar flores dentro dos livros, me levou a eternizá-las na gravura em metal.

Fernando Brum



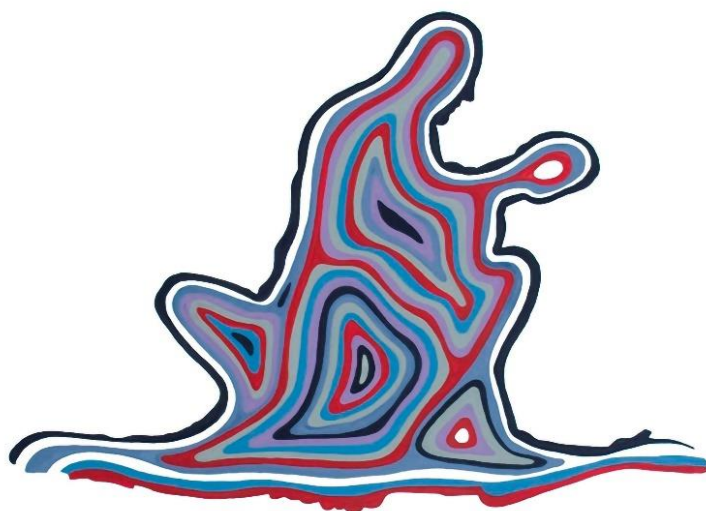
Sem título; óleo s/ tela; 60 x 60 cm; 2018

Flavio Ardito



Caminhos cruzados; fotografia, impressão fine art em papel Matte 230; 90 x 60 cm; 2019

Francinete Alberton



Sem título, da série Unicidade e Movimento; pintura a guache s/ papel de algodão

Gabriella Massa Popklik



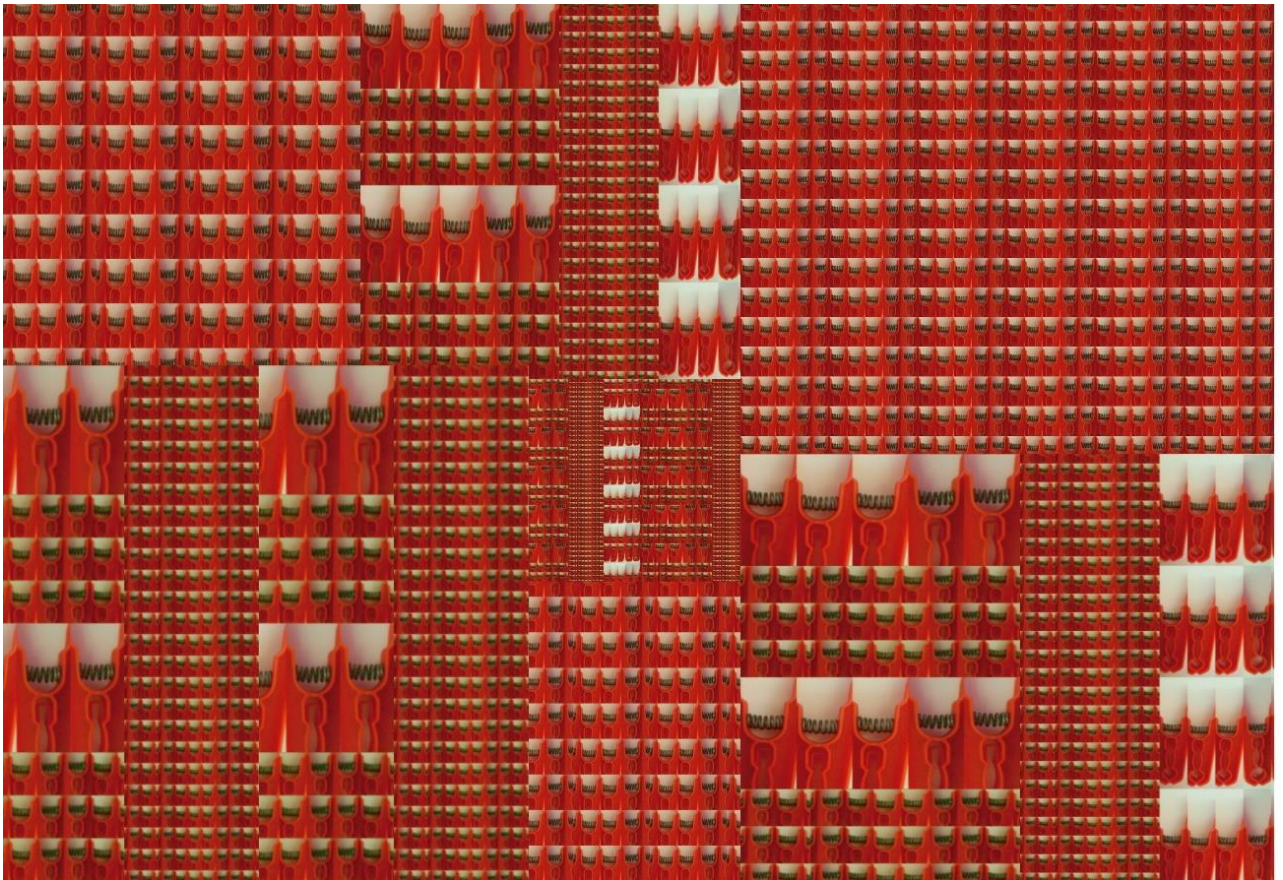
Série vento solar; impressão com pigmentos minerais s/ papel edition etching 310 grs. Canson; 42 x 59 cm; tiragem 1/10; 2019

Galvão Jr.



Sem título; técnica mista s/papel; 66 x 96 cm; 2020

Giselle Vieira



Efeito Plástico; fotomontagem, impressão a laser, papel couchê 300; 30 x 42 cm; 2020; tiragem: 1/5

Gloria Conforto



Sem título, serie Morros; óleo s/ tela; 50 x 50 cm; 2019

Graça Pizá



Feitiço de Midas; escultura de borracha vinil (em caixa de acrílico); 32 x 20 x 20 cm; 2020

Helena d'Avila



Sem título, manipulação de foto digital e pintura acrílica sobre papel; 70 x 100 cm; 2020

Helena Lustosa



Umbigo, série experimental; acrílica e penca de bananas, fotografados e trabalhados digitalmente; tiragem: 6; 50 x 50 cm; 2020

Helen Pomposelli



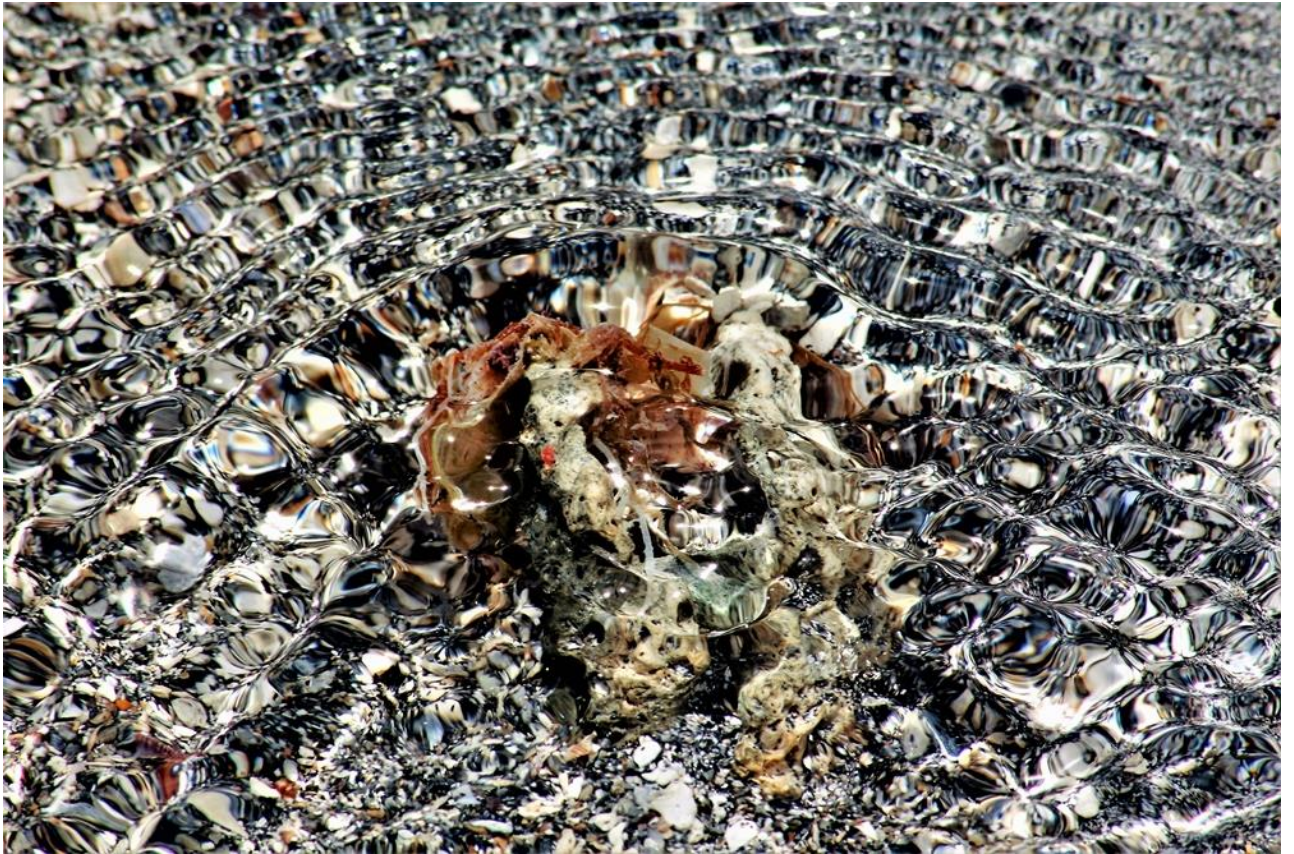
Série O feminino e os 4 elementos; técnica mista; 21 x 29 cm; 2019

Heloisa Alvim



Paisagem; argila 980 graus; 100 x 200 cm

Igor Gomes



Coral; fotografia, impressão fine art em papel algodão Canson RAG photographique 310g; 30 x 40 cm (ou em Canvas Photo Art PRO 395g 60 x 90 cm); tiragem 1/10; 2020

Inez Soares



Conexão; impressão com tinta tipográfica e interferências com tinta acrílica em papel 240g; 32 x 48 cm; 2018

Isabela Bentes



Feira Pandêmica; fotografia, 30 x 42 cm; 2020

Isabella Marinho



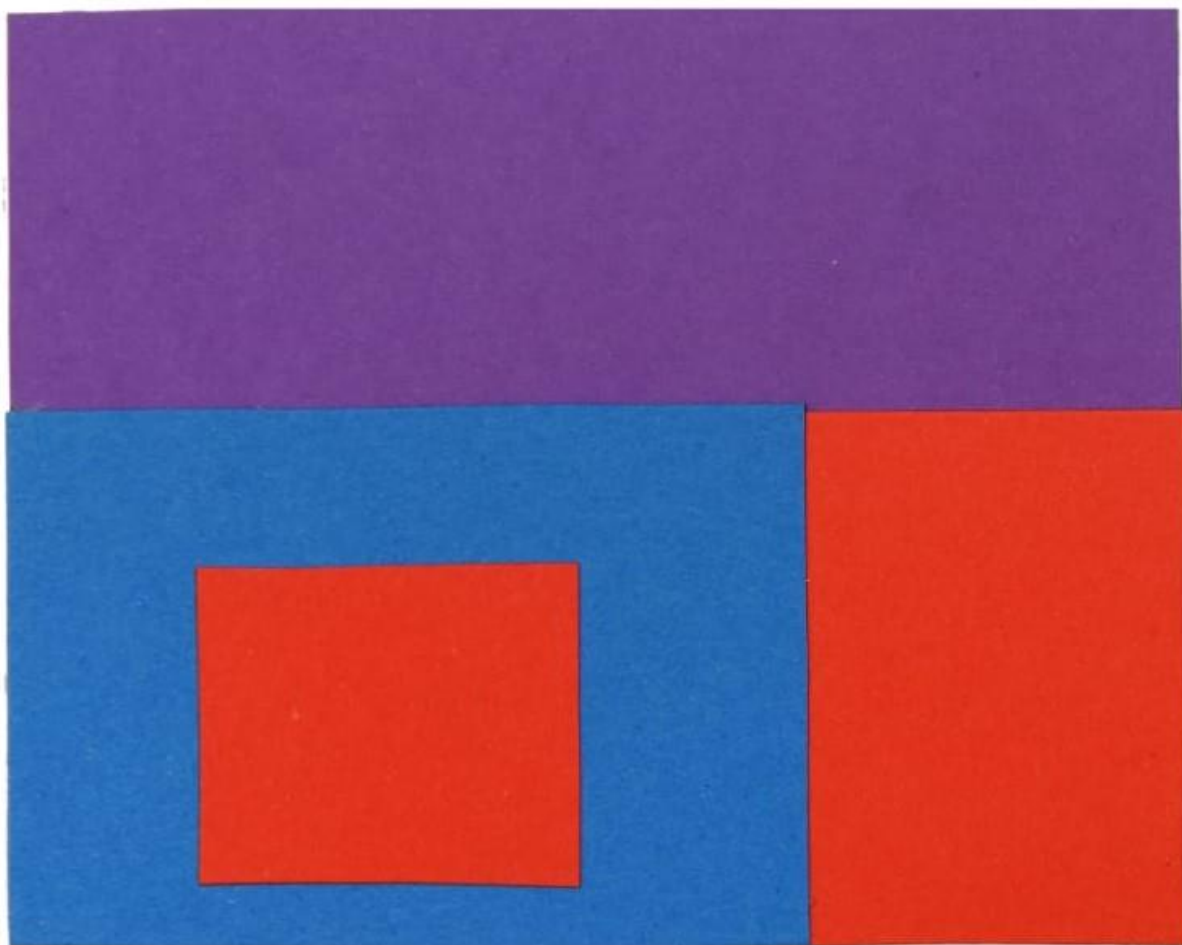
Consumo; técnica mista; 150 x 150 cm; 2020

Isis Braga



Pau Brasil Tupiniquim; objeto múltiplo intitulado; tiragem 1/4.

Jabim Nunes



No reino das delicadezas, nº 4; colagem Med.7,2 x 9 cm, s/ papel Canson 300g.; 37,5 x 37,5 cm; 2018

Jacqueline Belotti



Horizontes Flutuantes; díptico, acrílica s/ tela; 110 x 110 cada tela; 2020

Jarbas Paullous



Ovos Quebrados (performance); 39 segundos; 2020

João Saboia



João Saboia 2020

Números; gravura digital; 30 x 42 cm; 2000

Joel Gama



Ita-Riga; base pinho de riga, pedra decorativa verde veludo; 50 x 12 x 50 cm; 2010.

Jorge Cerqueira



Mostuário; desenhos em tiras de papel Paraná; 96 x 100 cm; 2020

Júnia Azevedo



Necessidade, Vontade; sapatinhos de boneca (plástico) e acrílico; 27 x 12 cm

Lando Faria



Picasso; Vídeo; 2000; 16 seg.

Leila Bokel



Quem quer comprar?; técnica mista; tamanhos variados (52 x 52 x 34 cm);
2020

Lena Tejo



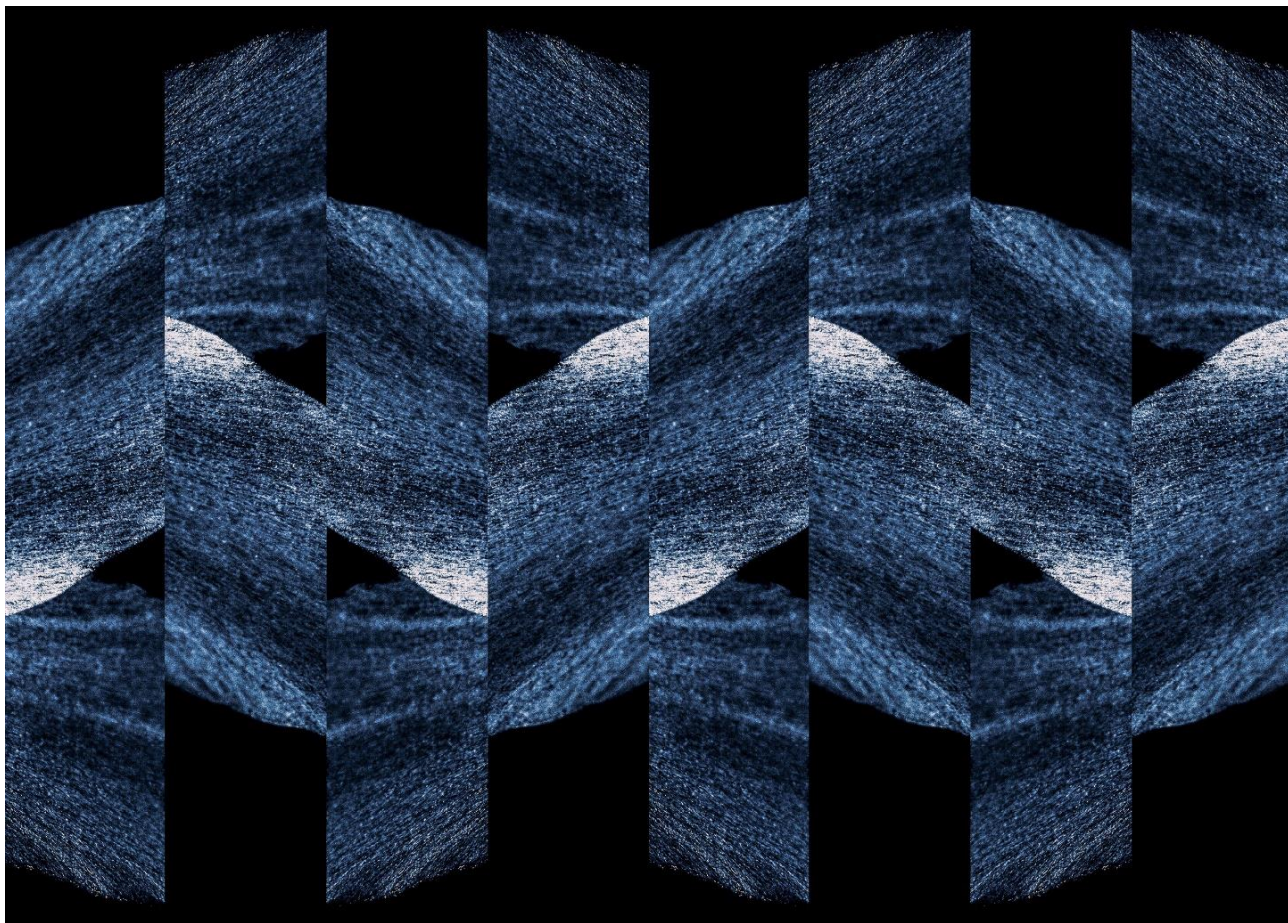
BR 2020; técnica mista; 40 x 47 cm; 2020

Lenn Cavalcanti



Intenso, acrílica sobre tela, 40 x 40 cm; 2020.

Let Cotrim



Cardume; fotografia digital, papel fine art Hahnemühle Baryta, tiragem 10; 42 x 29,9 cm

Lia do Rio



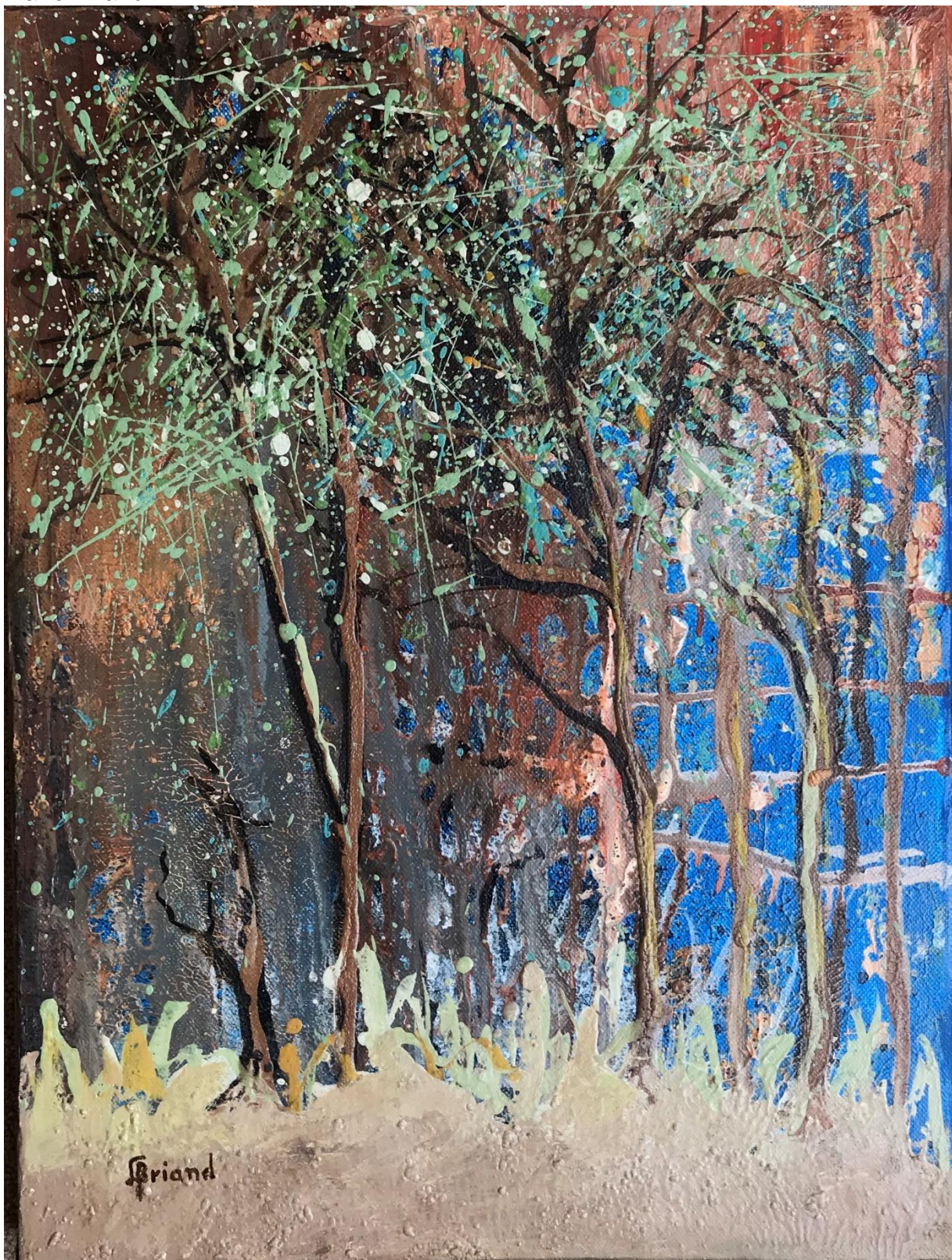
Recorrência; pintado, *in loco*, na feira do Bairro Peixoto; 40 x 60 cm; 1988

Liana Gonzalez



Caminho dos pássaros canoros e das aves absurdas; tubo de papel e papel machê; 40 x 4,5 cm de diâmetro.

Liane Briand



Amanhecer Espiritual; técnica mista, acrílica, nanquim, pó de argila, Broux de noix; 40 x 30 cm; 2018

Ligia Calheiros



Verso; cola, linha, resíduo de gesso, papel, escrita; 17 x 17 cm; 2010/2020

Lola Lustosa



“Estudantina” é uma sequência de momentos baseada em uma curta atuação. Mostra seis segundos em seis fotografias. Como na fotografia e na dança, a atualização e a especificação do momento são o foco principal de sua atenção. O tempo de exposição é o que torna tudo visível. O gesto da sequência é desaparecer na luz e ser exposto por causa de sua existência. Lustosa trabalha como dançarina, performer e fotógrafa. Na maioria das vezes, suas obras são uma combinação desses três elementos. Fotomontagem; 240 x 300 cm, cada fotografia 120 x 100 cm; c-Prints, edição de 5 + AP; 2008

Lu Guedes



Mordaça; acrílica e jornal s/ tela; 78 x 75 cm; 2006

Lucia Lyra



Azular II; acrílica s/ tela; 50 x 50 cm; 2020

Lucia Meneghini



Manuela; escultura em cera e ornamentos; 42 x 38 x 28 cm; 2019

Luiz Antonio Norões



Floresta; óleo s/ tela; 100 x 90 cm; 1986

Luiz Nogueira



Pai chão; vídeo arte; Dimensão: 1920 x 1080 pix; 2' 31"; 2010

Luzia Velloso



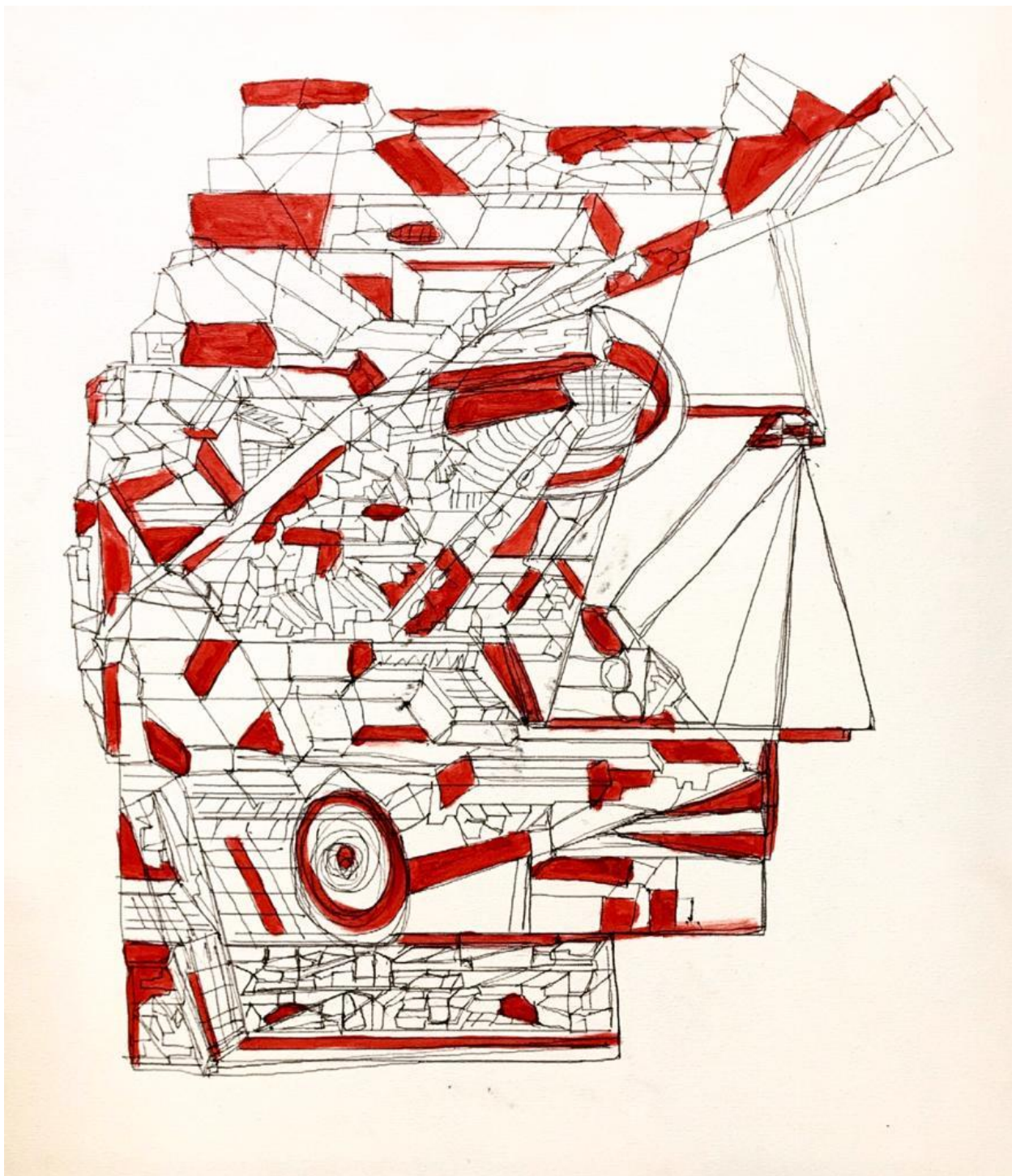
Sem título; colagem; 20 x 20 cm; 2019

Márcia Falcão



Autorretrato confinada; óleo s/ tela; 60 x 40 cm; 2020

Marcio Atherino



Sem título; desenho; 65 x 55 cm; 2020

Maria Cecilia Leão



Cores da natureza; fotografia digital impressa em fine art Hahnemühle photo rag barita 310 g.; 20 x 30 cm; 2020

Maria Lúcia Maluf.



S/título; gravura c/ interferência de borboleta em alfinetes; 36 x 23 cm; 2020

Maria Matina



Um doce canto, quintal; litografia, 60 x 40 cm, tiragem de 14; 2007

Maria Perdigão



Minha Casa Pegou Fogo, Nada Mais Me Oculta a Lua Deslumbrante!;
pigmentos naturais sobre caixa de papelão desmontada e colada sobre
madeira; 70 x 73 x 23 cm; 2014

Maria Stefanon



Sobrevoo Rural; aquarela; 70 x 100 cm

Maria Steinbruck



Pose in the mirror; carvão e acrílica sobre papel; 62 x 52 cm;

Maria Verônica Martins



Meu jardim; aquarela, 42 x 30 cm; 2020

Marta Bonimond



Céu; técnica mista; 60 x 80 cm; 2019; Integrou exposição coletiva virtual Life Abstractions na Saphira & Ventura Gallery, Nova Iorque. Setembro/2020

Mauricio Tassi Teixeira



Cotidiano; traço livre em computação gráfica; 60 x 84 cm; 2019

Maurício Theo



Dança das Cabeças; fotocomposição ou fotogravura; 30 x 40cm; 2020

Meiga Rodrigues



Sem Título; óleo s/ tela; 40 x 40 cm; 2017

Miro PS



HomeOffice; gravura digital, impressão em papel fine art; 120 x 100 cm, tiragem 1/5; 2020

Moema Branquinho



IDENTIDADE / PERSONA / FACE / SER / CORPO / GRITO / ANGÚSTIA

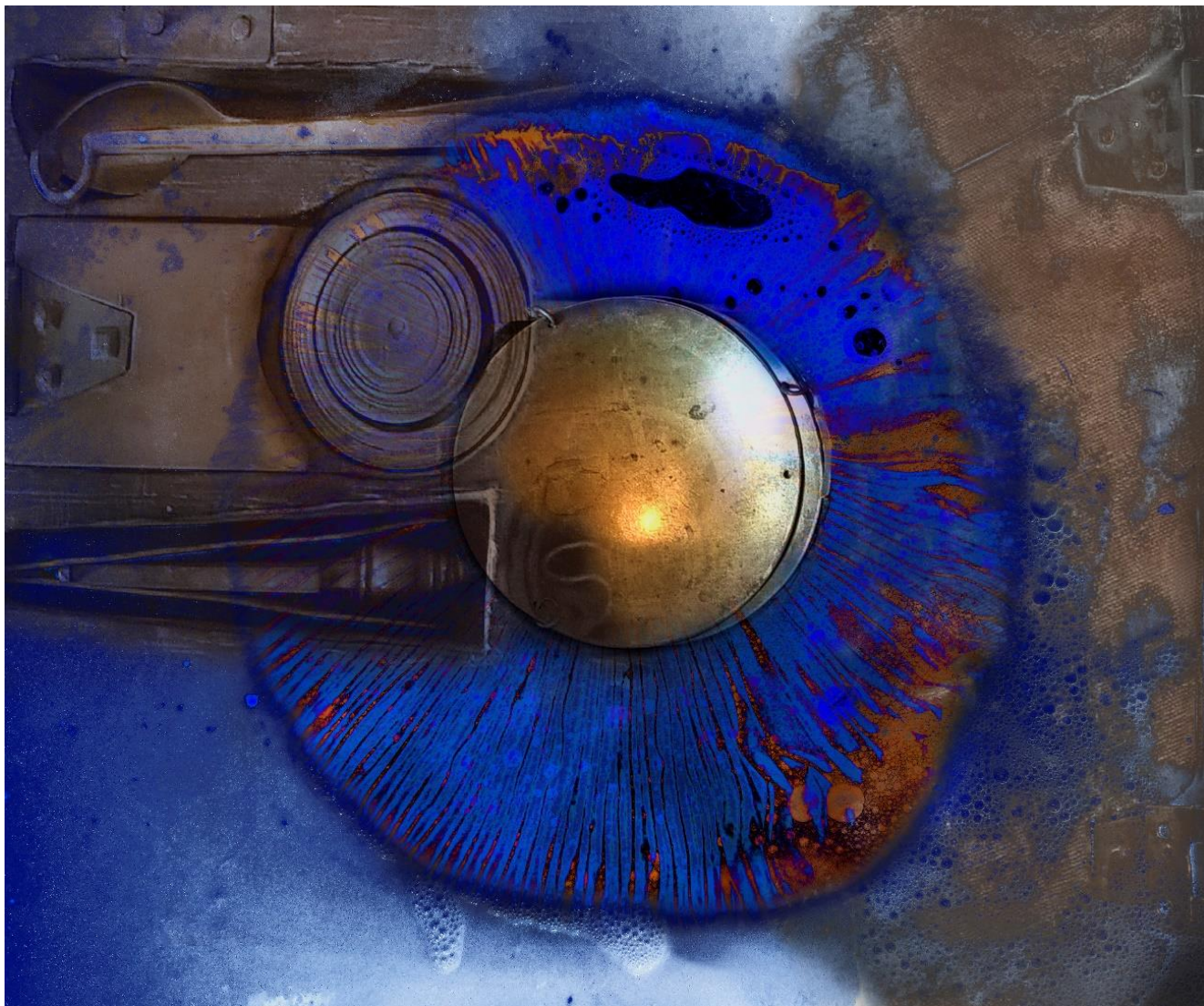
Gaia; assemblage (mosaico contemporâneo) e pintura sobre relevo, vidro derretido, espelho, tinta de terra s/ gesso e argamassa; escultura: 19 x 16 x 8 cm, moldura de madeira: 33 x 22,5 x 2 cm; 2018

Nilton Pinho



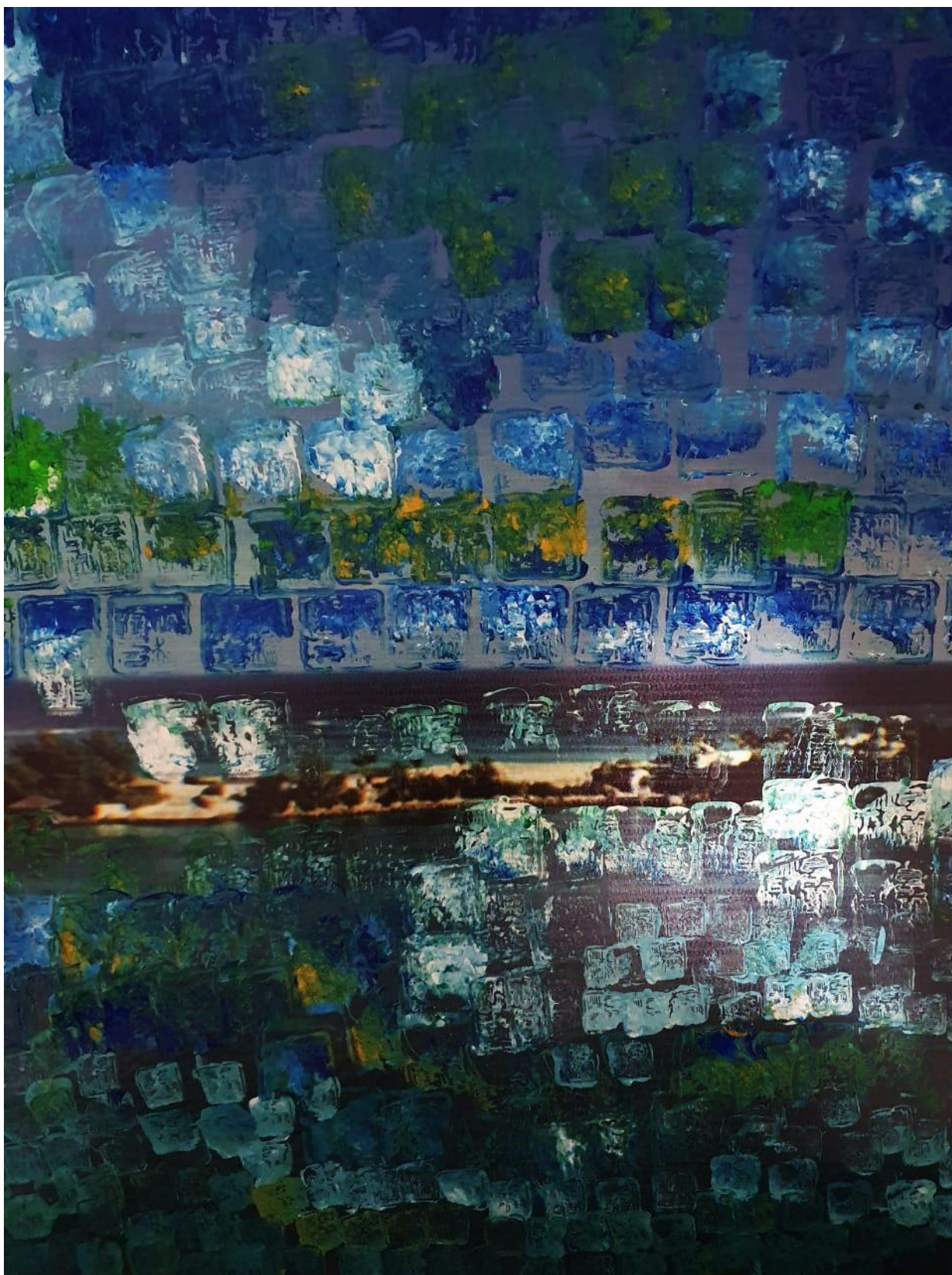
Sem título; assemblage sobre madeira; 70 x 30 cm; 2020

Noemi Ribeiro



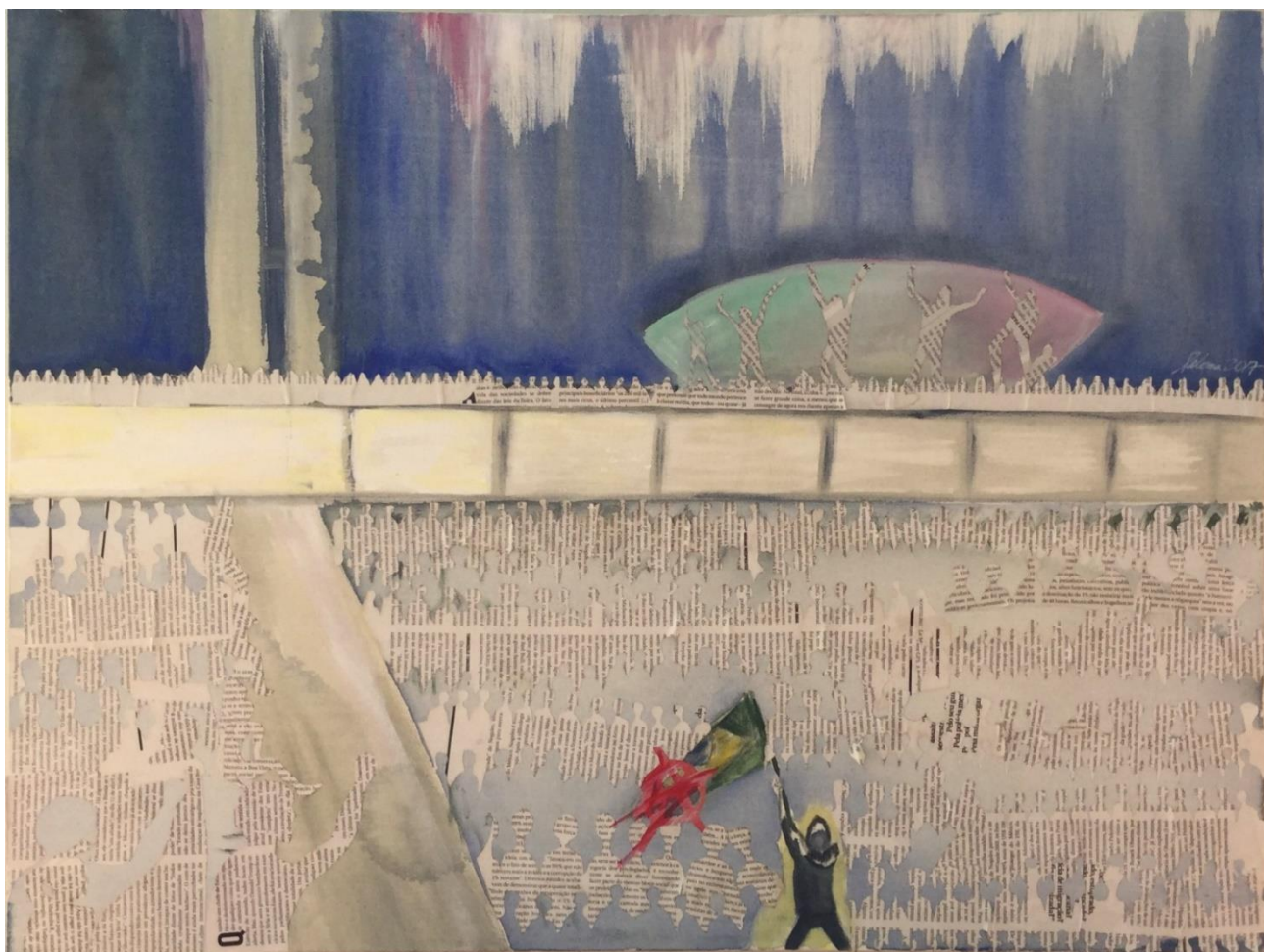
Naufração; colagem digital de fotos, impressão em papel Canson cotton; 30 x 40 cm; 2019; tiragem: 1/5

Norma Mieko Okamura



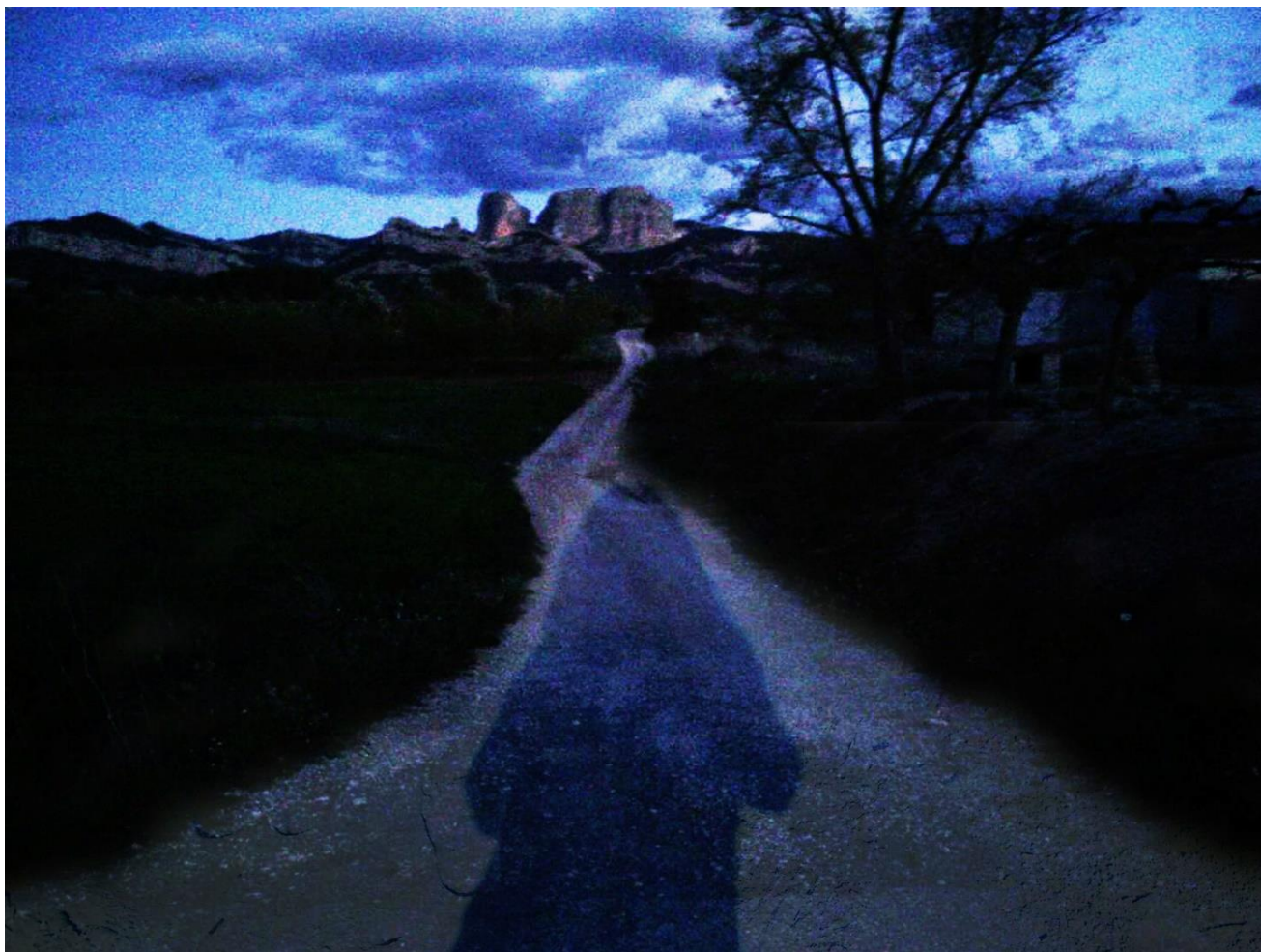
Nassau; pintura, interferência sobre fotografia com carimbo de brasão de família; 40 x 40 cm; 2020

Paloma Carvalho



Renascimento das Utopias; técnica mista s/ tela; 80 x 60 cm; 2017

Pilar Domingo



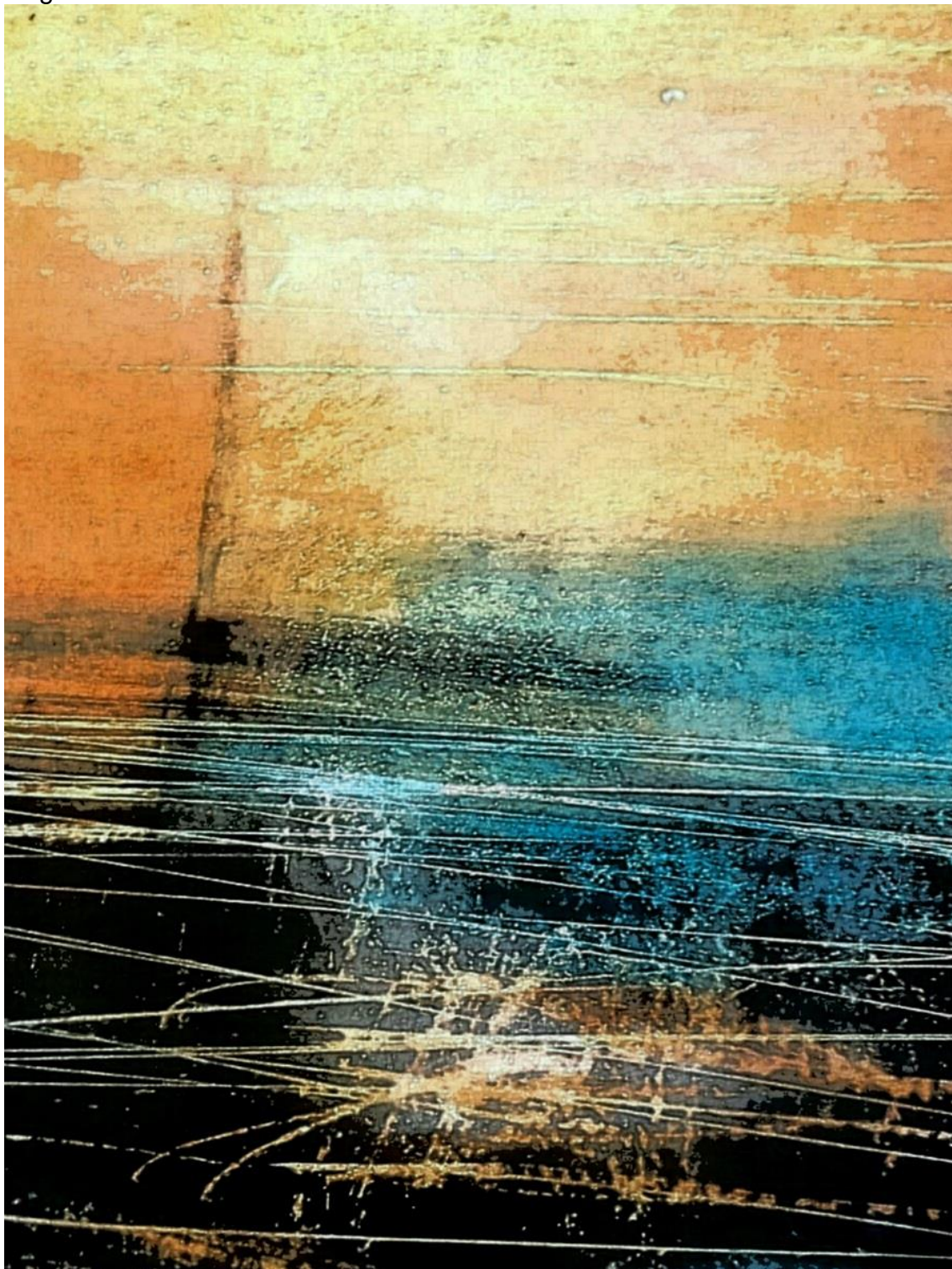
Camino; fotogravura em alumínio; 33 x 44 cm; 2020

Regina Hornung



Nuvens Arqueológicas No 24; óleo s, MDF; 40 x 30 cm; 2018

Regina Moura



Paisagem; técnica mista, impressão fine arts s/ canvas; tiragem 5; 50 x 65 cm; 2019

Ricky Livi



Cubos; coleção Formas; PLA (Ácido Poliláctico) e Fibra de Carbono,
Impressora 3D Creality Ender 3 Pro; 49 x 35 cm, Peso 550 gr; tiragem 05; 2020

Roberto Tavares



Estudos de solos; tinta gráfica, encáustica, acrílica s/ tecidos; 100 x 80 cm;
2019/2020

Robinson Oliveira



Autorretratos; acrílica s/ tela; 50 x 50 cm; 2020

Rosa Barreiros



Sem título; desenho grafite s/ papel Lanna; 46 x 75 cm; 2016

Rosangela Soares Pinto



Cordão umbilical; encaustica s/ compensado naval, cera de abelha, carnaúba, breu e pigmentos; 100 x 80 x 4 cm; 2019

Rose Aguiar



Lava a jato; fotografia digital; 40 x 60 cm; 2015

Rosi Baetas



Tempus Fugit; grafite s/ papel; 60 x 42 cm; 2020

Rubens da Silva



Bailarina; escultura com ferro e madeira; 70 x 40 x 20 cm; 2018

Salazar Figueiredo



Abissal; acrílica s/ tela com detalhes em bastões de corais mortos; 30 x 30 cm;
2020

Sandra Passos



Cosmogonia; acetato, acrílico; 82 x 20 x 35 cm; 2019

Simone Trombini



Pedaços; impressão digital; 70 x 100 cm; 2020; tiragem 50

Sissi Kleuser



A psicologia das cores, série Palheta; acrílica s/ tela; 50 x 70 cm; 2019

Sonia Xavier



A Rainha da Noite; técnica mista, colagem, rendas sob placa de ferro enferrujada; 50 x 50 cm;

Tania Andrade



A árvore; aquarela; 39,5 x 34 cm; 2010



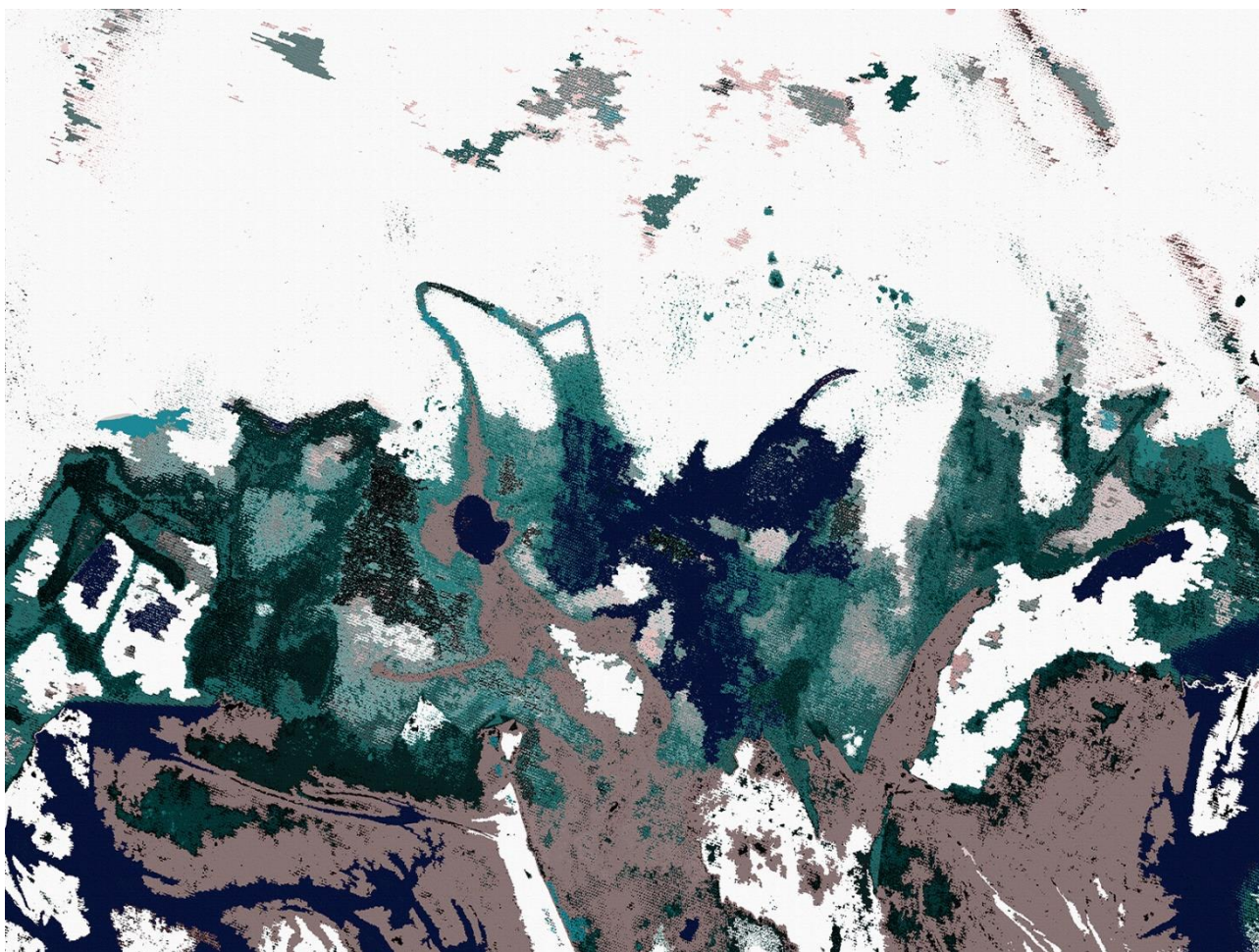
Collages – therapy for disillusion; Industrial Work Check Up; 30 x 42 cm; 2020 (fractal fragments: mix revista Amiga (set de 1985); cuts Gerd Arnzt Mappe "Zwölf Häuser der Zeit" - 1927 (coletado no catálogo público da Galerie Hunze, Berlin, 2000), recorte anúncio coletado na banca de jornal (2019); fotonovela e sampleata da revista SPEAK – abril/may - San Francisco 1998; recorte balão de HQ, publicada na revista "El Víbora" (Barcelona, 1984); recorte texto revista "strategy + business (issue 26 - 1st. quarter 2002); recorte revista Scientific America Brasil (outubro 2020); recorte revista GLOB(AL), nº 0 - janeiro de 2002)

Teresa Asmar



Pão de Açúcar/ Bondinho; AST; 100 x 100 cm

Teresinha Mazzei



Ondas Quebrando!; impressão fine art s/ canvas de infoarte, detalhe de fotografia de pintura orgânica mineral; 30 x 40 cm; obra orgânica: 2014, foto orgânica detalhe: 2019; Arte: 2020; tiragem: 1/4

Uiara Bartira



Ipês amarelos; litografia; 50 x 70 cm; 2016

Vania Pena C.



Jogo Perdido; seis fotos, cubo de alumínio em vidro; 9,5 x 9,5 cm; 2010

Vera Lins



Floresta

eu e o livro
lembranças
me assolam
retorno aos anos 80
agora
escolho uma floresta
quadro que importa
muito
nesse momento
de destruição
a floresta e um cesto de frutas
vermelhas
a natureza resiste
vive
vibra em cores

VeraLu



Um jardim; impressão fine arts; 60 x 68 cm; 2019

Vlad da Hora



Sem título; gravura; 42 x 30 cm (com moldura); 2020; tiragem única.

Vicente Duque Estrada



Sombras, da série Santa Teresa; fotografia impressão em fine art; tiragem 1/100; 40 x 30; 2013/2016

Walkyria Proença



Natureza morta; pintura e colagem de frutas sobre tela; 40 x 30 cm; 2020

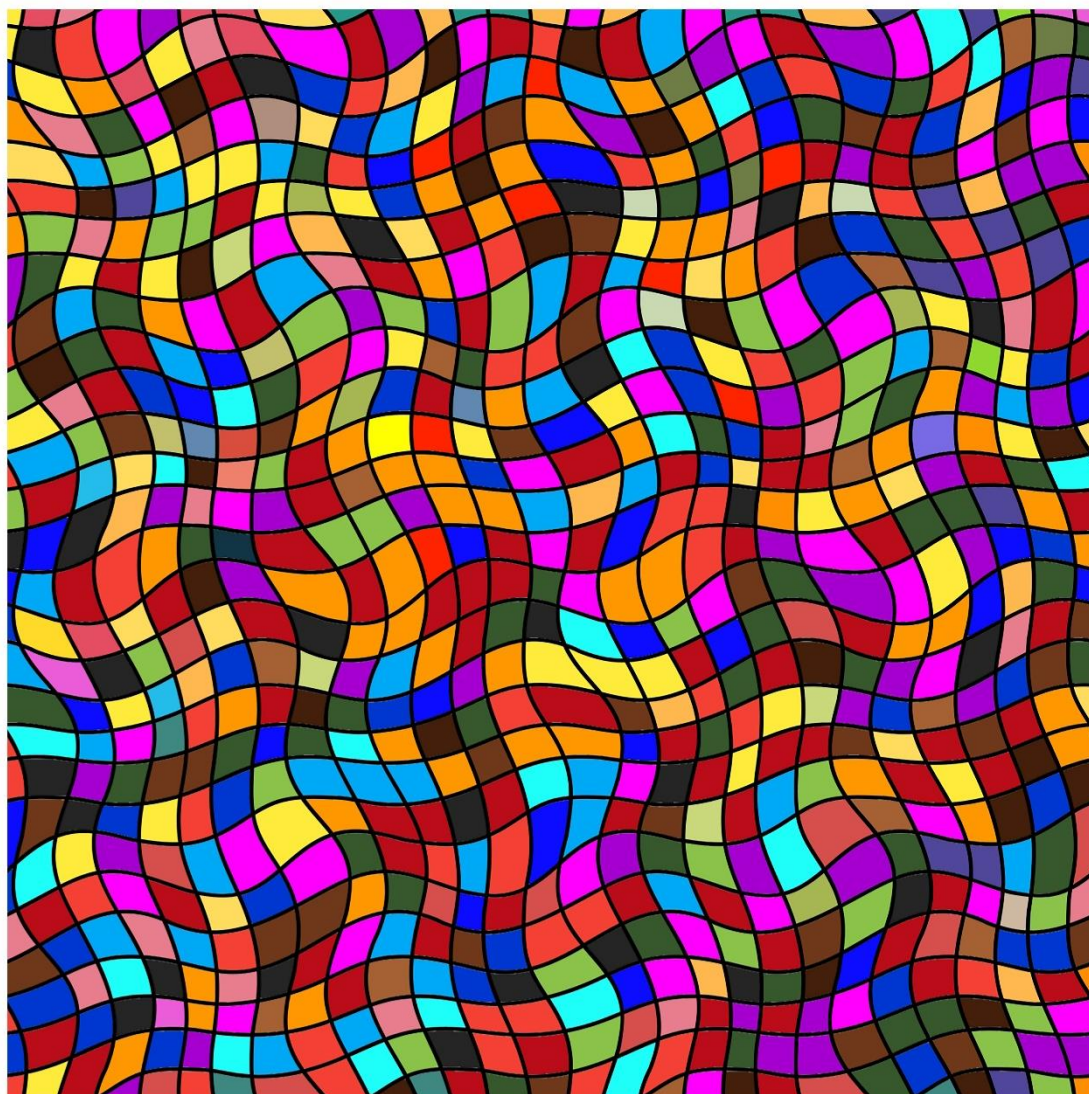
Wil Catarina



Alvo; acrílica sobre textura s/ tela; 50 x 50 cm; 2019

Negro; acrílica sobre textura s/ tela; 46 x 38 cm; 2019

Zeca Araújo



Buenas ondas; fotografia, Impressão com jato de tinta em papel de algodão; 67 x 67 cm; 2020; tiragem 10